

CENTRO DE MEMÓRIA FEMININA



~~Sobreviva~~

POR UMA NOVA HISTÓRIA

TATIANA MARQUES DO NASCIMENTO

UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO
ARQUITETURA E URBANISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

~~SOBREVIVA~~: POR UMA NOVA HISTÓRIA
CENTRO DE MEMÓRIA FEMININA NO RIO DE JANEIRO

Trabalho Final de Graduação apresentado à
Universidade do Grande Rio como um dos pré-
requisitos para a obtenção do grau de bacharel
em Arquitetura e Urbanismo.

Autora: Tatiana Marques do Nascimento
Orientador: Pablo Schargrodsky

Duque de Caxias
2019.2

UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO
ARQUITETURA E URBANISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

BANCA EXAMINADORA

Orientador Pablo Schargrotsky

Professor Gabriel Botelho

Convidada Karine Taranto

*Aos meus querido pais, pois sem eles eu
não seria nada.*

AGRADECIMENTOS

Ao longo desses anos, muitas pessoas tiveram papéis determinantes para minha vida, que me fizeram não só chegar até aqui, mas também, me tornaram quem sou.

Quero agradecer a Deus, por ter sido meu apoio e guia nos mais difíceis momentos.

Aos meus pais, Dulce e Nascimento, pelo apoio, carinho, e por investirem nos meus sonhos. Sem vocês nada disso teria tido tanta importância, vocês são as pessoas que mais admiro nessa vida.

Aos poucos amigos que fiz, em especial a minha grande amiga Sara, que tanto me ouviu, e também por ver uma capacidade em mim que eu mesma não via. Espero ter sua amizade por toda a vida.

Ao Brendon, meu porto seguro. Obrigada por ter me segurado nas vezes que eu quase cai, por não ter me deixado desistir nas tantas vezes que cogitei isso, obrigada por ter sido o ar puro para minha vida.

Aos meus orientadores, muito obrigada, espero algum dia poder servir de inspiração para outras pessoas, assim como vocês foram para mim.

Já é tarde, tudo está certo
Cada coisa posta em seu lugar
Filho dorme, ela arruma o uniforme
Tudo pronto pra quando despertar

O ensejo a fez tão prendada
Ela foi educada pra cuidar e servir
De costume, esquecia-se dela
Sempre a última a sair

Disfarça e segue em frente
Todo dia até cansar
E eis que de repente ela resolve então mudar
Vira a mesa, assume o jogo
Faz questão de se cuidar
Nem serva, nem objeto
Já não quer ser o outro
Hoje ela é um também

A despeito de tanto mestrado
Ganha menos que o namorado
E não entende porque
Tem talento de equilibrista
Ela é muita, se você quer saber

Hoje aos 30 é melhor que aos 18
Nem Balzac poderia prever
Depois do lar, do trabalho e dos filhos
Ainda vai pra night ferver

Desconstruindo Amélia - Pitty

RESUMO

Recuperar a memória das mulheres nos permite conhecer uma história de desigualdade, imposições patriarcais e de papéis de gênero que, perpetuados por séculos, nos levam a um presente em que ainda há sedimentos de discriminação que, às vezes, se manifestam em violência contra as mulheres. Sabemos que as autoridades públicas são responsáveis por promover a igualdade real e eficaz entre homens e mulheres, através dos instrumentos de ação que possuímos.

Dito isto, o presente trabalho de Fundamentos de Conclusão de Curso consiste na realização do projeto de um Centro de Memória Feminina na cidade do Rio de Janeiro, em que, através da cultura, venha a realizar atividades que promovam a igualdade e a equidade de gênero através do desenvolvimento de projetos que dão visibilidade às mulheres na história, nas artes ou literatura. Bem como na criação de um Centro Profissionalizante para proporcionar a independência financeira e visão empreendedora para mulheres, independente de gênero, orientação sexual, raça, classe social ou estado civil.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: O Rapto de Proserpina de Gian Lorenzo Bernini, na Galleria Borghese, Roma - Criação: de 1621 a 1622 Fonte da Imagem: upload.wikimedia.org	27
Imagem 2: Coisas de menina e coisas de menino Fonte da Imagem: portaldonic.com	29
Imagem 3: Estudo “Por ser menina no Brasil: crescendo entre direitos e violências” Fonte da Imagem: Plan/2013	30
Imagem 4: Mapa da Cidade Rio de Janeiro com quantidade de bustos e estátuas que fazem menções a personalidades masculinas. Mapa desenvolvido e confeccionado por Tatiana Marques	32
Imagem 5: Mapa da Cidade Rio de Janeiro com quantidade de bustos e estátuas que fazem menções a personalidades femininas. Mapa desenvolvido e confeccionado por Tatiana Marques	33
Imagem 6: Registros de Violência Física na Cidade do Rio Janeiro Fonte de Informação: Dossiê Mulher 2018 – RJ	35
Imagem 7: Registros de Violência Patrimonial na Cidade do Rio Janeiro Fonte de Informação: Dossiê Mulher 2018 – RJ	35
Imagem 8: Registros de Violência Psicológica na Cidade do Rio Janeiro Fonte de Informação: Dossiê Mulher 2018 – RJ	36
Imagem 9: Registros de Violência Moral na Cidade do Rio Janeiro Fonte de Informação: Dossiê Mulher 2018 – RJ	36
Imagem 10: Registros de Violência Sexual na Cidade do Rio Janeiro Fonte de Informação: Dossiê Mulher 2018 – RJ	37
Imagem 11: Campanha “Bebeu, perdeu”, feita pelo Ministério da Justiça no ano 2015. Fonte da imagem: exame.abril.com.br	38

LISTA DE IMAGENS

Imagem 12: Propaganda da Cerveja Itaipava Fonte da imagem: douradosnews.com.br	41
Imagem 13: Vista aérea do Museu Judaico de Berlim Fonte da imagem: arkitera.com	47
Imagem 14: Setorização Conceitual do Museu Fonte da imagem: ziadazuca.com.br	47
Imagem 15: Eixo da Continuidade Fonte da imagem: archdaily.com.br	48
Imagem 16: Eixo do Holocausto Fonte da imagem: archdaily.com.br	48
Imagem 17: Eixo do Exílio Fonte da imagem: archdaily.com.br	49
Imagem 18: Centro de Oportunidade para Mulheres Fonte da imagem: archdaily.com.br	49
Imagem 19: Fachada do MAAT Fonte da imagem: archdaily.com.br	50
Imagem 20: Fachada Principal do MAAT Fonte da imagem: archdaily.com.br	50
Imagem 21: Vista do MAAT voltado para o Rio Tejo em Belém Fonte da imagem: lisbonlux.com	50
Imagem 22: Cidade Maravilhosa – Rio de Janeiro Fonte: Oglobo.com	52
Imagem 23: Mapa de Localização da Cidade do Rio de Janeiro Autoria: Tatiana Marques	52
Imagem 24: Mapa do Centro do Rio de Janeiro Fonte: Google Maps	53

LISTA DE IMAGENS

Imagem 25: Vista aérea do escolhido do Rio de Janeiro	53
Fonte: Google Maps	
Imagem 26: Classificação das Vias	54
Autoria: Tatiana Marques	
Imagem 27: Uso e Ocupação do Solo/Condições de Trânsito (Em horário Comercial)	55
Autoria: Tatiana Marques	
Imagem 28: Uso e Ocupação do solo / Condições do Trânsito (Fim de Semana e Feriado)	56
Autoria: Tatiana Marques	
Imagem 29: Gabaritos e Equipamentos	57
Mapa desenvolvido por Tatiana Marques	
Imagem 30: Resultado da união dos retângulos áureos;	60
Desenvolvido por Tatiana Marques	
Imagem 31: A presença da proporção áurea na natureza	61
Fonte das imagens: Angelinawittmann.com	
Imagem 32: Setorização do Subsolo e do Primeiro Pavimento	61
Desenvolvido por Tatiana Marques	
Imagem 33: Setorização do Segundo Pavimento e mirante	62
Desenvolvido por Tatiana Marques	
Imagem 34: Análise de Fluxos e Áreas de Permanências	63
Desenvolvido por Tatiana Marques	
Imagem 35: Análise de Fluxos e Áreas de Permanências - SUBSOLO	64
Desenvolvido por Tatiana Marques	
Imagem 36: Análise de Fluxos e Áreas de Permanências - TÉRREO	65
Desenvolvido por Tatiana Marques	
Imagem 37: Análise de Fluxos e Áreas de Permanências – Primeiro Pavimento	66
Desenvolvido por Tatiana Marques	

LISTA DE IMAGENS

Imagem 38: nálise de Fluxos e Áreas de Permanências – Segundo Pavimento Desenvolvido por Tatiana Marques	67
Imagem 39: Fachada Principal Desenvolvido por Tatiana Marques	68
Imagem 40: Praça Central com Jardim Mezanino Desenvolvido por Tatiana Marques	69
Imagem 41: : Praça Central com Jardim Mezanino Desenvolvido por Tatiana Marques	70
Imagem 42: Área de Convivência com Pergolado Desenvolvido por Tatiana Marques	71
Imagem 43: Área de Convivência com Pergolado Desenvolvido por Tatiana Marques	72
Imagem 44: Fachada sob o mirante e Área de Convivência com Pergolado Desenvolvido por Tatiana Marques	73
Imagem 45: Área de Convivência Coberta Desenvolvido por Tatiana Marques	74
Imagem 46: Local para Uso livre e Área de Convivência Coberta Desenvolvido por Tatiana Marques	75

20 INTRODUÇÃO

22 METODOLOGIA

25 TEMAS

45 ESTUDO DE REFERÊNCIAS

51 SÍTIO

58 O PROJETO

77 BIBLIOGRAFIA



*Que nada nos defina
Que nada nos sujeite
Que a liberdade seja nossa
Própria substância*

Simone Beauvoir

INTRODUÇÃO

OBJETIVO GERAL

Criar um espaço cultural que mostre a importância da mulher na sociedade, bem como um centro de profissionalização, na cidade do Rio de Janeiro.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Ter um edifício imponente que contribui para a representatividade feminina;
- Proporcionar o acesso à cultura para pessoas de diferentes classes sociais, através de exposições históricas que demonstram a importância da mulher na construção da sociedade;
- Recuperar e preservar a memória das mulheres;
- Fornecer recursos e atividades capazes de incutir uma mudança de pensamentos que colocam as mulheres em situação de inferioridade ou desvantagem, e que amenize as diferenças de gênero presente nos espaços públicos e domésticos;
- Criar um ambiente físico que de apoio a atividades lúdicas a fim de modificar a forma como a sociedade enxerga o papel feminino;
- Criar um espaço físico que busque a profissionalização de mulheres que almejam a independência financeira;
- Fomentar a desconstrução patriarcal, buscando o fim da cultura do machismo, e às opressões e agressões provenientes dele.

JUSTIFICATIVA /RELEVÂNCIA

O interesse pelo tema surgiu a partir de experiências pessoais: as situações comuns no cotidiano feminino, oriundas

da opressão machista. Embora nos últimos anos alguns paradigmas acerca do papel de gênero venham sendo desestigmatizados é possível perceber que as mulheres ainda se encontram em posição de inferioridade com relação aos homens, condição essa imposta por nossa sociedade patriarcal. Gostaria que este projeto deixasse claro o quão é importante falar sobre o machismo e sobre como isso influencia diretamente em diversas formas de agressão contra a mulher, como violências físicas, sexuais, patrimoniais, psicológicas e emocionais, bem como o feminicídio – denominação usada para mulheres mortas em condições discriminatórias e de desigualdade de gênero.

O ano de 2019 já iniciou com diversos casos de violência contra a mulher e de acordo com a organização mundial da saúde (OMS), o Brasil já tem a quinta maior taxa de feminicídios entre as 84 nações pesquisadas, e mesmo com políticas de proteção como a Lei Maria da Penha e como a Lei nº 13.104/2015 que torna o feminicídio um crime hediondo, o país ainda tem que conviver com rotina de uma mulher morta a cada duas horas, segundo dados levantados pelo Núcleo de Estudos da violência da USP com parceria do G1. Isso deixa claro que as leis não são completamente eficazes no combate à violência contra a mulher, já que o machismo é algo cultural, ou seja, um problema arraigado na sociedade. O atual projeto foi motivado a partir de uma ideia de que o patriarcado precisa ser enfrentado e combatido, e a proposta do Centro de Memória está direcionada, principalmente, para este fim.

METODOLOGIA

A metodologia é parte essencial da contribuição para a construção de um olhar na área Arquitetura e do Urbanismo através da perspectiva das mulheres, pois é ela que mostra o caminho que é preciso seguir, e permite reconhecer os erros existentes e sustentam as decisões tomadas. Portanto, neste projeto, tornou possível uma mudança na forma de se enxergar, analisar e compreender o espaço e as relações das pessoas com ele.

O processo de construção da metodologia aplicada ao presente trabalho, utilizou-se de referências metodológicas que oferecessem dados relevantes sobre a situação de mulheres que sofrem com violência de gênero, buscando adaptá-las ao contexto da Cidade do Rio de Janeiro.

A pesquisa foi desenvolvida a partir de:

1. **Pesquisa bibliográfica:** Para fundamentar as problemáticas desenvolvidas neste projeto foram feitas as leituras dos seguintes autores:

Lourenço, Artemenko, Bragaglia	2014
Harari	2011
Bourdieu	2010
Gonzaga	2004, 2011
Belmiro	2015
Lessa	2005

2. Análise de documentos: Ainda para desenvolvimento das problemáticas, foram utilizados alguns sites principais, como: isp.rj.gov.br, issu.com, archdaily.com.br, periodicos.furg.br, psychologicalscience.org, inventariosmonumentosrj.com.br, bem como a utilização de softwares como Corel Draw e Photoshop para desenvolvimento de mapas, e alteração de imagens. Além disso foram feitas consultas de documentos legais, como a Lei 11.340/06, mais conhecida como Lei Maria da Penha.

3. Entrevistas: Por meio de fontes orais, através de diálogos com algumas mulheres, para assim desenvolver o capítulo “Como é ser mulher”, buscando entender e transmitir as sensações e experiências de mulheres ao vivenciar o espaço público.

4. Pesquisa de Campo: Por meio de observação participativa, foram feitas análises do terreno e seu entorno, afim de obter respostas mais assertivas ao desenvolver tanto a forma do projeto quanto a função que desempenhará, no bairro, assim como as exigências projetuais determinadas a partir do entorno, terreno, e clima da cidade.

Sobrenome do Autor	Ano
Fonseca, Ferreira, Figueiredo e Pinheiro	2018
Saffioti	1997
Teles	2002
Schmickler	2006
Azevedo & Guerra	1988
Belmiro, De Paula, Laurindo, Viana	2015
Massey	2004
Ramsey e Hoyt	2014

TEMAS

Foi levado em consideração que o Brasil ainda possui poucos recursos de difusão do feminismo, poucas formas de busca da igualdade de gênero, seja no ambiente acadêmico, nos meios de comunicação, etc. Além disso a escolha pelo Rio de Janeiro se deu pelo fato de não existir ainda um local voltado para a difusão da história feminina, e por ser uma cidade que é fácil de perceber a violência simbólica contra a mulher.

Proporcionar um conhecimento de uma história de desigualdade, imposições patriarcais e papéis de gênero, que ainda perpetuam na sociedade, e que ocasionam em violência contra a mulher. Através disso, esse projeto incentivará mulheres dependentes e que sofrem com abusos domésticos a alcançarem independência financeira, profissionalizando-as. E por meio do espaço físico, reconhecer as contribuições da mulher na sociedade e potencializar a representação simbólica feminina, tirando-nos da invisibilidade existente atualmente.

Esse projeto busca auxiliar mulheres em situação de vulnerabilidade, e dará um novo futuro não só a essa geração como as que virão. Tirar as mulheres do anonimato e da invisibilidade, e apresentar histórias que possam servir como espelhos, nos quais as brasileiras, independente da idade, poderão mirar-se, reconhecer-se e projetar-se, como cidadãs a serem respeitadas, independente das diferenças e na luta pela conquista da igualdade de gênero na nossa sociedade. E o edifício servirá como caminho para o fim da violência simbólica contra as mulheres, e assim lembrar que o espaço público também é feminino. O projeto será pensado desde o início a

agregar qualidade à vida das pessoas, e promover o conforto e o bem-estar social, além de otimizar experiências, isso sem esquecer o cuidado e valorização do meio ambiente.

CONTEXTUALIZAÇÃO

Ao refletir sobre os temas que envolvem políticas públicas e gênero, entre as questões a serem discutidas estão gênero e hierarquia social. Todos sabem que a população distribui funções, muitas vezes baseadas no gênero e assim estabelece uma hierarquia social. Quando alguém deixa de agir conforme esta conduta pré-estabelecida, empreende um processo de transição do masculino para o feminino ou do feminino para o masculino, que pode acarretar em situações de violência e discriminação apoiadas pela falta de igualdade de gêneros.

Desde os primórdios da existência humana, a sociedade se divide hierarquicamente, Yuval Noah Harari, autor do livro *Sapiens – Uma Breve História da Humanidade* (2011, p. 152) explica:

“Diferentes sociedades adotam diferentes tipos de hierarquias imaginadas¹. [...] Uma hierarquia específica, no entanto, foi de extrema importância em todas as sociedades humanas conhecidas: a hierarquia do gênero. Todos os povos se dividiram entre homens e mulheres. E em quase todos os lugares os homens foram privilegiados, pelo menos desde a Revolução Agrícola.”

Em muitas sociedades, prossegue Harari (2011, p.153), as mulheres eram mera propriedade dos homens, principalmente do pai, marido ou irmão. O estupro, em muitos sistemas jurídicos, era tratado como violação de propriedade – em outras palavras, a vítima não era a mulher estuprada, mas o homem a quem ela pertencia.

“Estuprar uma mulher que não pertencia a nenhum homem não era considerado crime algum, assim como pegar uma moeda perdida em uma rua movimentada não é considerado roubo. E se um marido estuprava a própria mulher, ele não cometia nenhum crime. Na verdade, a ideia de que um marido pudesse estuprar a esposa era um paradoxo. Ser marido era ter controle absoluto da sexualidade da esposa. Dizer que um marido “estuprou” a própria esposa era tão ilógico quanto dizer que um homem roubou a própria carteira” (HARARI, 2011, p.153).

Deixo claro que os exemplos de banalização do abuso sexual contra a mulher são antigos e não é difícil encontrar a romantização desta violência pela literatura, como por exemplo a história de Perséfone: Filha de Zeus, o senhor dos deuses e dos homens, e Deméter, deusa da colheita e da fertilidade, ela nasceu e foi criada no Monte Olimpo. Dona de uma beleza exuberante chamou a atenção de muitos deuses. Virgem e protegida por sua mãe, foi raptada pelo seu tio Hades, deus do

submundo, enquanto colhia narcisos, e assim, foi levada ao inferno e violada. Essa história foi eternizada em mármore, numa escultura que mostra todo desespero da mulher que foi raptada por seu tio.

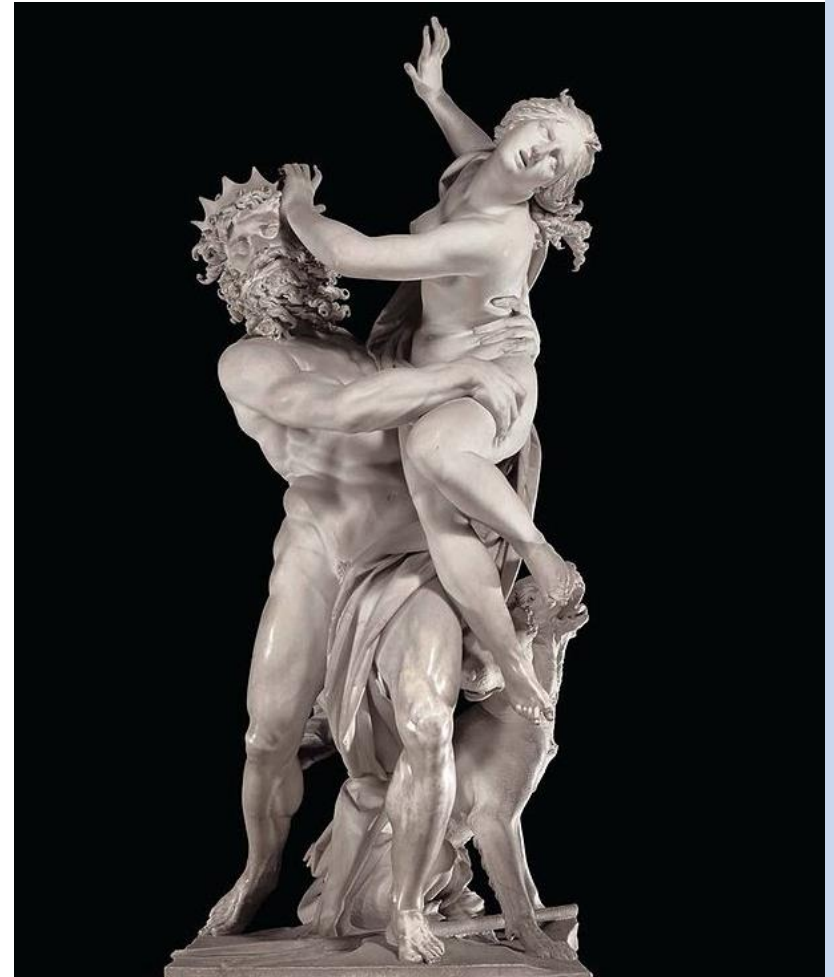


Imagem 1: O Rapto de Proserpina de Gian Lorenzo Bernini, na Galleria Borghese, Roma

Criação: de 1621 a 1622

Fonte da Imagem: upload.wikimedia.org

Já nos relatos do velho testamento, na bíblia Sagrada, temos um grande exemplo da dominação do homem sobre a mulher, onde ela era tratada como propriedade masculina:

"Não cobiçarás a casa do teu próximo. Não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem seus servos ou servas, nem seu boi ou jumento, nem coisa alguma que lhe pertença". (Êxodo 20:17).

Em Israel, assim como em todo Oriente Médio, o estupro era entendido como um adultério, não como uma violência. E por mais que o corpo violentado fosse o feminino, e era evidentemente quem sofria com as dores físicas e as psicológicas advindas com a violência sexual, a vítima do crime era o homem no qual era o "proprietário" da mulher, pois era a ele que pertencia a propriedade que foi "danificada". Nada muito diferente do descrito por Harari em seu livro *Sapiens*, conforme fora citado alguns parágrafos acima. É claro que existem inúmeras outras histórias nas literaturas que retratam essa realidade, bem como outras passagens bíblicas, mas essas duas histórias me ajudam a demonstrar o quão é antiga a dominação masculina na sociedade. Vale ressaltar que essas histórias contribuíram para dar efetividade e naturalidade às violências e opressões sofridas pelas mulheres, que persistem até os dias de hoje.

Yuval Noah Harari (2011, p.153) ainda diz que algumas das diferenças culturais, jurídicas e políticas entre homens e mulheres refletem as diferenças biológicas óbvias entre os sexos, como por exemplo, gerar uma criança, que sempre foi atributo específico das mulheres, porque os homens não têm útero. Além

do fato da gestação, as sociedades acumularam diversas ideias e normas culturais, associando a masculinidade

e a feminilidade, com uma série de atributos que, em sua grande maioria, não tem base biológica.

"Por exemplo, na Atenas democrática do século V a.C., um indivíduo provido de um útero não tinha status jurídico independente e era proibido de participar de assembleias populares ou ser juiz. Com poucas exceções, tal indivíduo não podia se beneficiar de uma boa educação nem se envolver em negócios ou discursos filosóficos. Nenhum dos líderes políticos de Atenas, nenhum de seus grandes filósofos, oradores, artistas ou mercadores tinha útero. O fato de ter útero faz com que uma pessoa seja biologicamente inadequada para essas profissões?" (HARARI, 2011, p.154).

A verdade é que o fato de uma pessoa ter um útero não a impede de fazer nenhuma dessas coisas com o mesmo sucesso que os homens. Para concluir, o autor ainda afirma que a maior parte das leis, normas, direitos e obrigações que definem masculinidade e feminilidade refletem mais a imaginação humana do que a realidade biológica.

PAPÉIS DE GÊNERO E DESIGUALDADE

A lógica ocidental tradicional acerca de gênero, funciona com uma divisão binária, ou seja, que se divide em dois opostos: masculino x feminino. A partir dessa perspectiva, o ser humano nasce com determinadas características biológicas que o enquadra como indivíduo do sexo masculino ou feminino.

Arelados a isso temos o que chamamos de papel de gênero, que se define como o conjunto de estereótipos e práticas sociais culturalmente naturalizados à figura do homem ou da mulher.



Imagem 2: Coisas de menina e coisas de menino
Fonte da Imagem: portaldonic.com

Segundo uma analogia feita pela Youtuber Louie Ponto (2016), no seu vídeo “Qual é o meu gênero?”, ao nascer recebemos uma “Caixa de instruções”: a do menino, e a da menina. Nestas caixas estão coisas que devemos seguir para nos encaixarmos quanto homens ou mulheres dentro de uma sociedade, com uma determinada cultura. Assim a gente divide o mundo de meninos e meninas e, de maneira simbólica, dizemos às crianças qual o lugar que elas ocuparão na sociedade quando adultas.

Meninas são presenteadas com bonecas e cozinhas, por exemplo. Essas instruções dizem que meninas devem ser

deve, continuamente, convencer a si mesma e aos demais que é feminina o bastante.

Já crianças do sexo masculino, recebem uma caixa com uma variedade maior de coisas, seus brinquedos são carros, aviões, espaçonaves, bolas, etc; e que para serem homens de verdade têm que ser fortes, não podem chorar, e a eles fica atribuído O dever de proteger a mulher. Além disso os indivíduos do sexo masculino precisam provar sua masculinidade constantemente durante toda a vida, do berço ao óbito, em uma série interminável de ritos performance. O problema dessas “caixas” é que essas instruções colocam mulheres em uma situação de inferioridade com relação aos homens.

Esses estereótipos que vêm sendo carregados pela sociedade há séculos, legitimam a desigualdade de gênero na nossa sociedade. A jornada doméstica da mulher começa ainda na infância, como já foi dito aqui, e um estudo intitulado “Por ser menina no Brasil: crescendo entre direitos e violências”, ouviu um total de 1.771 meninas entre 6 e 14 anos nas cinco regiões do país e constatou uma desigualdade gritante na distribuição de tarefas domésticas entre meninas e meninos.

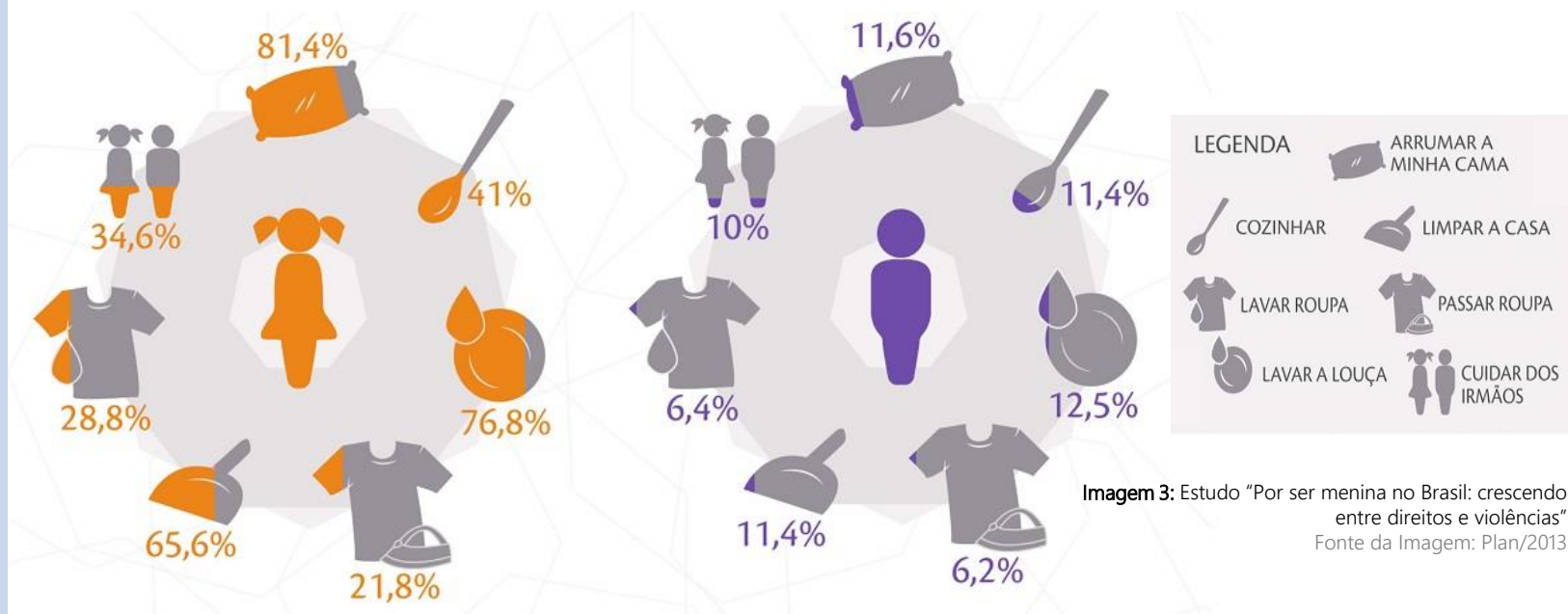


Imagem 3: Estudo “Por ser menina no Brasil: crescendo entre direitos e violências”
Fonte da Imagem: Plan/2013

A ilustração acima mostra a dimensão desse abismo: 81,4% das meninas relataram que arrumam a própria cama, tarefa que só é executada por 11,6% dos irmãos meninos. 76,8% das meninas lavam a louça e 65,6% limpam a casa, enquanto apenas 12,5% dos irmãos lavam a louça e 11,4% limpam a casa.

É evidente que homens e mulheres são diferentes fisicamente, nós temos hormônios diferentes, órgãos sexuais diferentes, temos diferentes capacidades biológicas, como por exemplo, mulheres poderem ter filhos e homens não. Há ligeiramente mais mulheres que homens no Brasil, segundo o IBGE (2017), cerca de 51,6% da população é composta por mulheres. Mas a maioria das posições de poder e prestígio são ocupados por homens. Outro caso muito comum no Brasil é ter um homem e uma mulher, desempenhando as mesmas funções

numa empresa, com as mesmas dificuldades e resultados, e o homem recebendo um salário maior. É uma realidade que mulheres para conseguirem destaque em algo precisam provar sua capacidade diversas vezes, e ainda assim ela será subestimada ou inferiorizada diante de um homem.

Nota: O problema do gênero é que embora a definição do que é ser homem ou mulher tenha surgido a partir de uma divisão biológica, a experiência humana nos mostra que uma pessoa pode ter outra identidade que reflete diferentes representações de gênero, ou seja, nascem com sexo biológico masculino, porém não se reconhecem enquanto homens – como transexuais ou transgêneros)

VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

A violência simbólica é um tipo de violência muito difícil de ser percebida pelas pessoas, uma vez que não parte de uma força física, sendo, portanto, uma forma velada de manter um controle de um indivíduo sobre o outro. O conceito foi definido por Bourdieu como uma violência que é cometida com a cumplicidade entre quem sofre e quem a pratica, sem que, frequentemente, os envolvidos tenham consciência do que estão sofrendo ou exercendo.

A violência contra a mulher, em seu contexto geral, surge de uma diferença biológica entre os sexos, construindo socialmente um sistema de dominação masculina, principalmente no que se refere à divisão social do trabalho, que atribui um papel ideal para cada um dos dois sexos (BOURDIEU, 2010).

Tal violência ocorre em várias esferas da vida e se manifesta sob formas e circunstâncias distintas. Neste contexto, dentre as inúmeras situações de violência que vitimam as mulheres, destacam-se, às ocorridas no espaço definido socialmente para as mulheres: o espaço privado, a família e o domicílio. De tal modo, Campos (2012) descreve alguns fatores que contribuem para a prática da violência contra a mulher, sendo estes: a falta de punição dos agressores, o silêncio das mulheres agredidas, a inferioridade das mulheres e a transformação das vítimas em culpadas.

Como dito acima, a mulher ficou restrita ao espaço do lar,

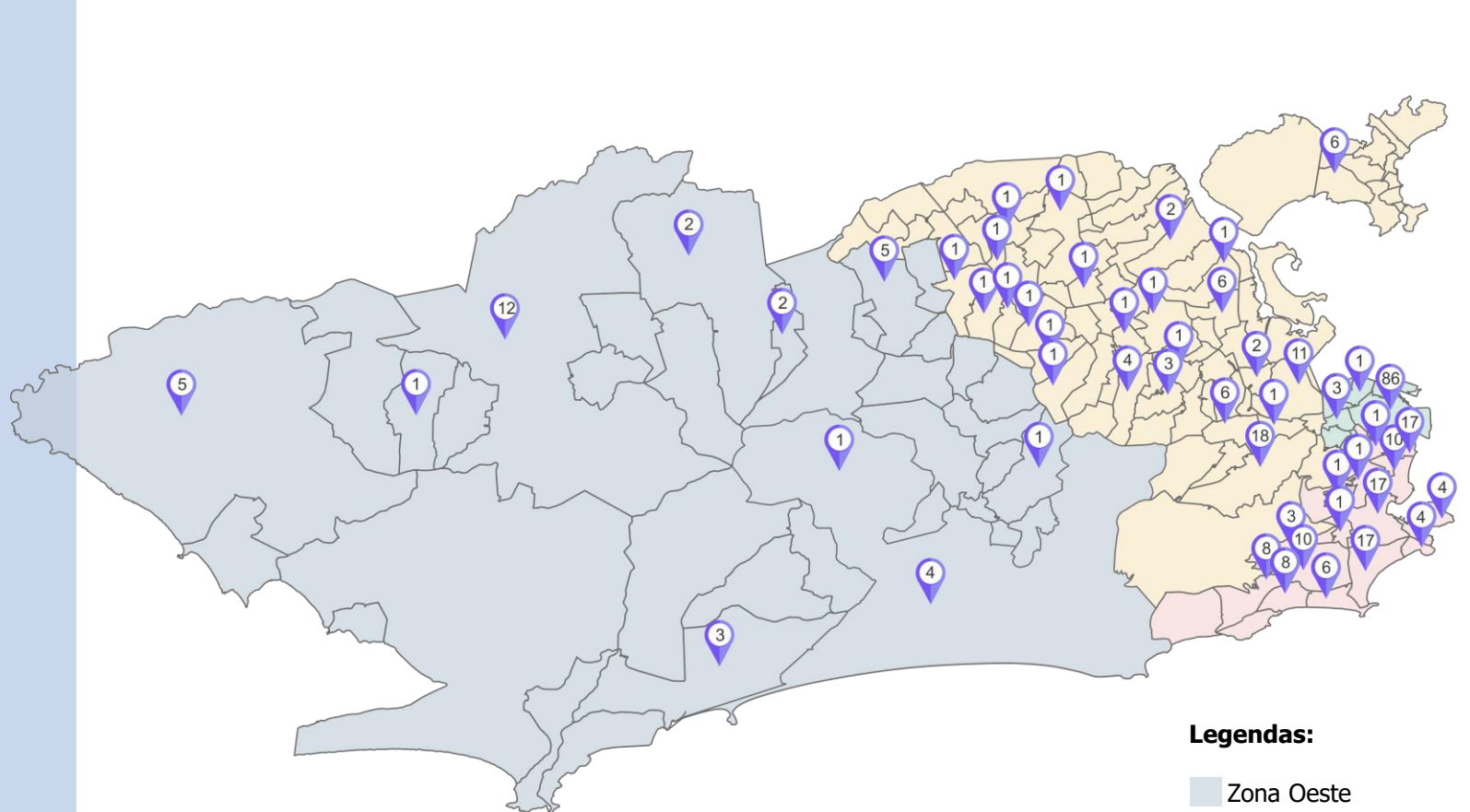
com a obrigação de cuidar do marido e dos filhos, enquanto ao homem coube o espaço público, o que colaborou para a formação de dois mundos: o público (ou masculino) e o privado (ou feminino). Diante disto, vejo que é de extrema importância falar sobre a violência simbólica contra a mulher no espaço público, que colabora para manter, assim, a ideia de que o espaço público não é para mulher.

Esta violência se vê reforçada através da ausência de referências às mulheres dentro da cidade, seja pelos nomes de edifícios, praças, parques, equipamentos, memoriais ou monumentos, que na sua grande maioria fazem referência aos esplendores e conquistas de personalidades masculinas, invisibilizando – e até mesmo diminuindo – as lutas e êxitos femininos que foram de grande importância para a construção da nossa sociedade.

É importante dizer também, que um espaço se converte em lugar quando se humaniza, e o primeiro passo é dar um nome. Os nomes supõem uma cota de reconhecimento, que reflete a contribuição das mulheres para a história².

Através do site “Inventário dos monumentos RJ” separei em dois mapas a quantidade de estátuas ou monumentos que fazem referência a diferentes personalidades: um de homens e outro de mulheres, para mostrar o quanto essa violência se vê reforçada através de símbolos de grande importância representativa dentro do nosso contexto social, que pouco percebemos no nosso dia a dia.

MAPAS E BUSTOS – REFERÊNCIAS MASCULINAS



Legendas:

■ Zona Oeste

■ Zona Norte

■ Zona Central

■ Zona Sul

5 Quantidade por Bairro

Imagem 4: Mapa da Cidade Rio de Janeiro com quantidade de bustos e estátuas que fazem menções a personalidades masculinas.

Mapa desenvolvido e confeccionado por Tatiana Marques

Softwares utilizados: AutoCad, Corel Draw e Photoshop

6.2 MAPAS E BUSTOS – REFERÊNCIAS FEMININAS

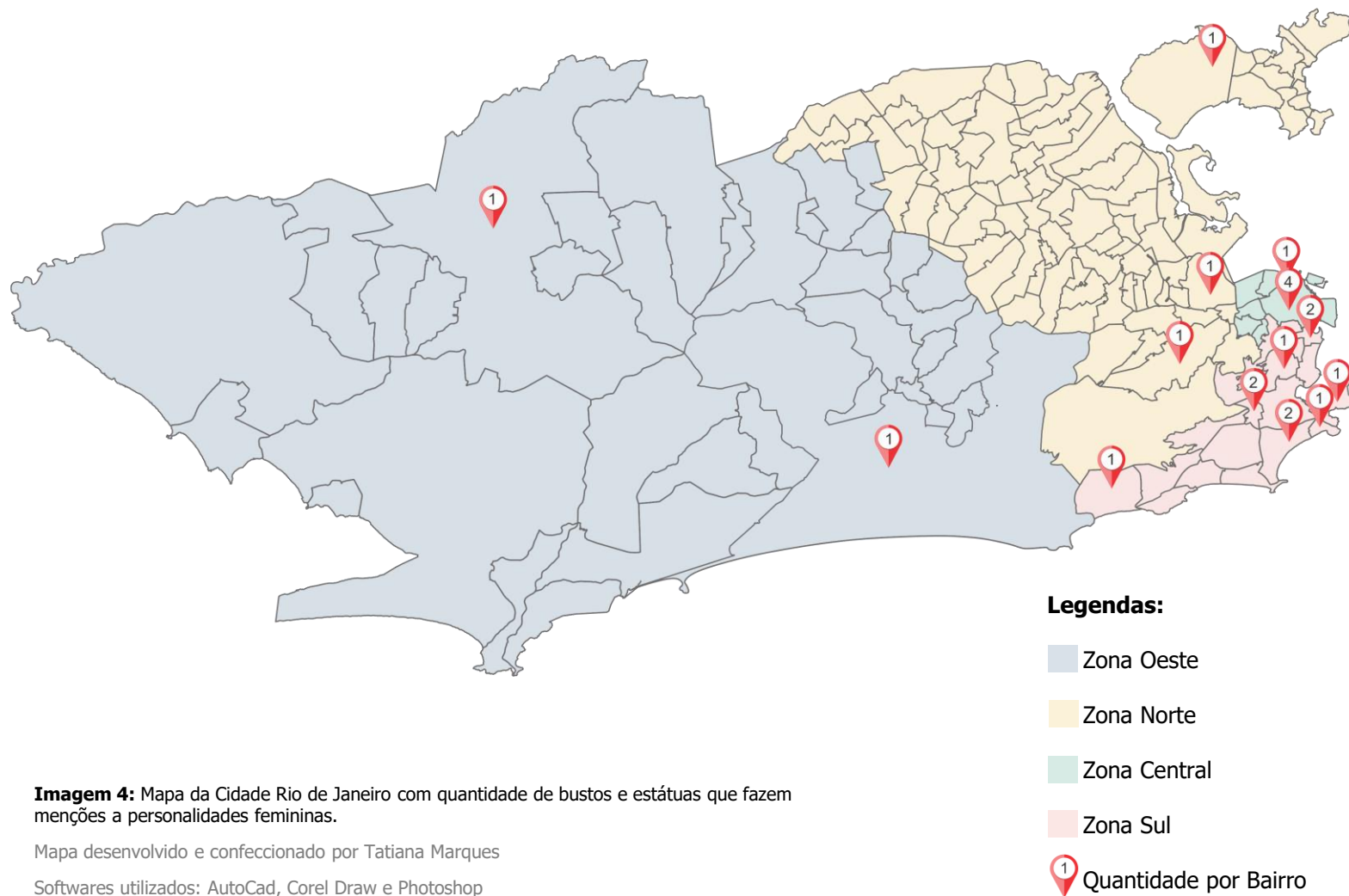


Imagem 4: Mapa da Cidade Rio de Janeiro com quantidade de bustos e estátuas que fazem menções a personalidades femininas.

Mapa desenvolvido e confeccionado por Tatiana Marques

Softwares utilizados: AutoCad, Corel Draw e Photoshop

Não é necessário olhar por muito tempo para perceber a grande diferença entre um mapa e outro. No total, 318 estátuas de homens foram distribuídas pelo rio de janeiro. Apenas 19 mulheres foram homenageadas, e até 2016 restaram apenas 14 desses tributos, segundo Gabriela Gaia, Cineasta e escritora, diretora do documentário independente AFETO, que fala sobre arquitetura, memória e ocupação feminina do espaço urbano.

A intenção desta análise não é diminuir ou menosprezar as histórias e triunfos de personalidades do sexo masculino, mas sim causar uma provocação a fim de fazê-los refletir sobre o reconhecimento negado as mulheres que foram tão importantes na construção da nossa cidade. E diante disso mostrar o quanto a violência simbólica ainda exclui as mulheres do espaço público. Portanto, fica claro que é importante a potencialização da presença simbólica das mulheres na cidade, através de um objeto físico, para favorecer o empoderamento das mulheres e legitimar o espaço público como também feminino.

ESTATÍSTICAS DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO

A lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006), hoje em dia, é a principal norma brasileira na busca ao enfrentamento da violência contra a mulher. Essa legislação é reconhecida pela Organização das Nações Unidas (ONU) por estar entre as três melhores legislações do mundo no que diz respeito ao combate da violência de gênero. Mas o que vale ressaltar é que a violência contra a mulher vai muito além da agressão física ou estupro. A lei Maria da Penha classifica a violência contra a

mulher nas seguintes categorias: Violência Física, Violência Patrimonial, Violência Psicológica, Violência Moral e Violência Sexual. (Cap. II, Art.7º)

Além desta, temos a Lei do feminicídio, sancionada pela presidenta Dilma Rousseff, no ano de 2015, enquadrada no rol dos crimes hediondos, que se configura quando há comprovação de que uma mulher foi assassinada exclusivamente por questões de gênero.

Dito isto, através do Instituto de Segurança Pública – ISP/RJ, trago algumas informações, referentes ao ano de 2018, relativas à violência contra a mulher no Estado do Rio de Janeiro. As informações que serão apresentadas foram selecionadas, a fim de mostrar alguns exemplos de violência cometida contra a mulher no que diz respeito apenas às questões de gênero.

VIOLÊNCIA FÍSICA

De acordo com o Ministério da Saúde (2008), este tipo de violência se dá através de:

“Atos violentos com uso da força física de forma intencional, não acidental, com o objetivo de ferir, lesar, provocar dor e sofrimento ou destruir a pessoa, deixando, ou não, marcas evidentes no seu corpo. Ela pode se manifestar de várias formas, como tapas, beliscões, chutes, torções, empurrões, arremesso de objetos, estrangulamentos, queimaduras, perfurações, mutilações, dentre outras.”

No ano de 2018 foram registrados 71 casos de feminicídio

no Estado do Rio de Janeiro, sendo que 56.3% destes casos foram cometidos por companheiros ou ex-companheiros. E 288 registros de tentativa de feminicídio, conforme o gráfico a seguir que mostra todos os tipos relatados pelo Dossiê Mulher do ISP/RJ (2018), de violência física contra a mulher:

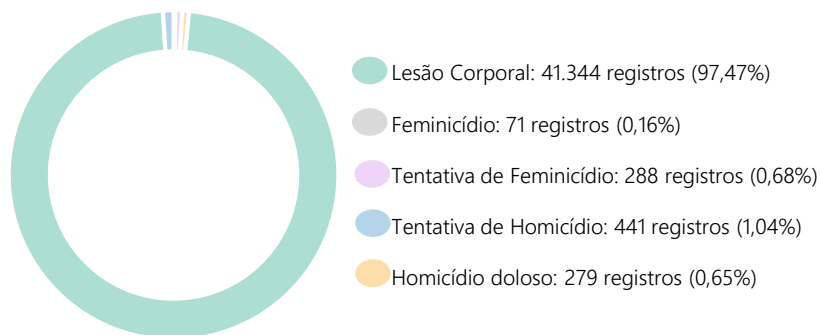


Imagem 6: Registros de Violência Física na Cidade do Rio Janeiro
Fonte de Informação: Dossiê Mulher 2018 - RJ

O gráfico mostra índice alarmante de registros de lesão corporal, com mais de 41 mil ocorrências, e 64.5% desses registros foram enquadrados na Lei Maria da Penha, ou seja, violência doméstica e de natureza misógina. Dos casos enquadrados em violência de gênero, 80,8% foram cometidos por companheiro ou ex-companheiros, e 16% tem algum grau de parentesco com a vítima.

VIOLÊNCIA PATRIMONIAL

A Lei Maria da Penha (Cap. II, Art. 7º, § IV) descreve esse tipo de violência como:

"[...] qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total

de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades;"

Foram separados 3, a partir do dossiê da mulher – ISP-RJ delitos que se caracterizam como Violência ao patrimônio, sendo eles: Dano, Supressão de Documentos e Violação de domicílio, como consta no gráfico abaixo.

Dano: 2.743 registros (51%)
Violação de Domicílio: 2.223 registros (42%)
Supressão de Domicílio: 364 registros (7%)

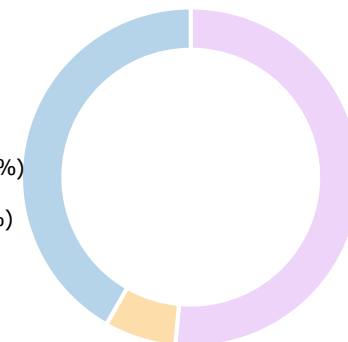


Imagem 7: Registros de Violência Patrimonial na Cidade do Rio Janeiro
Fonte de Informação: Dossiê Mulher 2018 - RJ

Foram registrados, no total, 2.743 casos de Dano ao Patrimônio, 364 casos de Supressão de Documentos e 2.223 casos de Violação de Domicílio. Dentre eles, 51.9%, 54.9% e 48,4% respectivamente, foram enquadrados na Lei 11.340/06 (Maria da Penha), ou seja, considerados violência doméstica e familiar.

VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA

A Lei Maria da Penha (Cap. II, Art. 7º, § II) descreve esse tipo de violência como:

“[...]entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, violação de sua intimidade, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação;”

No gráfico abaixo, temos a relação Ameaça e Constrangimento ilegal, configuradas como Violência Psicológica. Dos 37.423 casos de ameaça, 61,2% foram enquadrados na Lei Maria da Penha. Dessas ocorrências, aproximadamente 51% foram ameaças vindas de companheiros ou ex-companheiros das vítimas, e 68.8% do total de ameaças registradas, partiram de pessoas com algum grau de proximidade com a vítima, seja no âmbito familiar ou profissional.

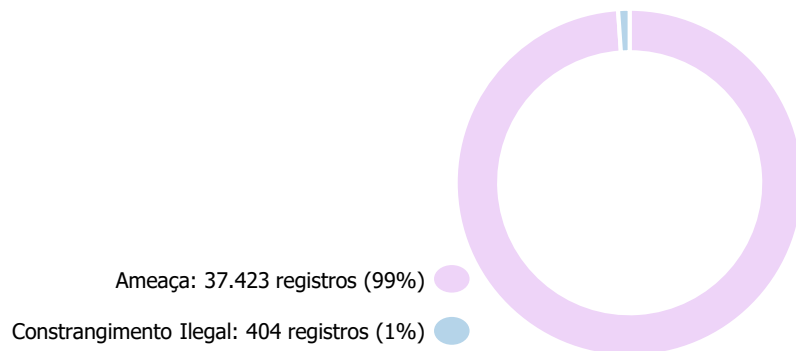


Imagem 8: Registros de Violência Psicológica na Cidade do Rio Janeiro

Fonte de Informação: Dossiê Mulher 2018 - RJ

VIOLÊNCIA MORAL

A Lei Maria da Penha (Cap. II, Art. 7º, § V) descreve esse tipo de violência como:

“[...]qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria.”

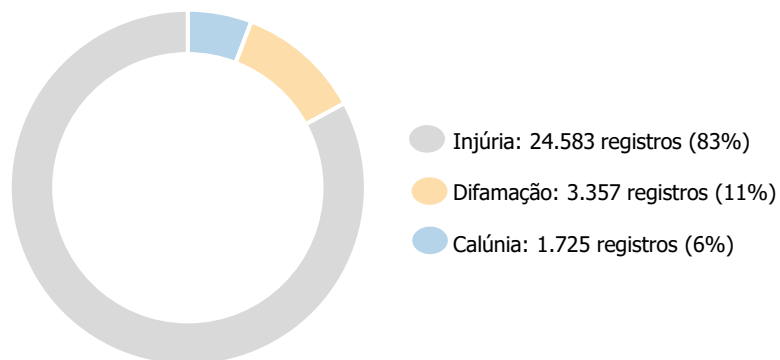


Imagem 9: Registros de Violência Moral na Cidade do Rio Janeiro

Fonte de Informação: Dossiê Mulher 2018 - RJ

Entre esses delitos, apenas 45.6% foram enquadrados na Lei Maria da Penha. E 36.5% desses casos partiram de companheiros ou ex-companheiros.

VIOLÊNCIA SEXUAL

A lei Maria da penha (Cap. II, Art. 7º, § III) descreve esse tipo de violência como:

“qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos;”

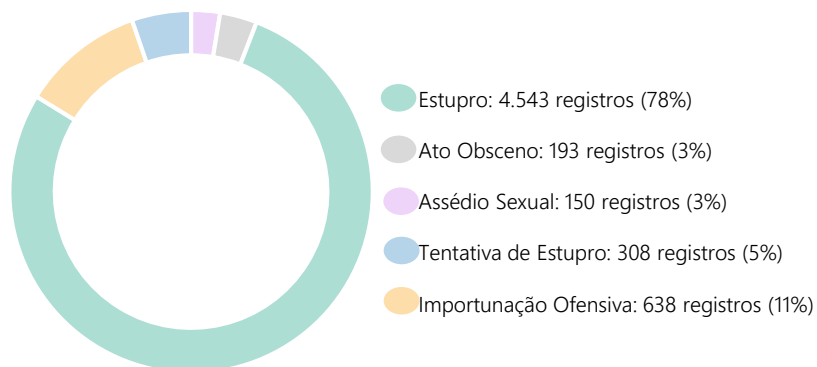


Imagem 10: Registros de Violência Sexual na Cidade do Rio Janeiro

Fonte de Informação: Dossiê Mulher 2018 - RJ

Neste gráfico, sem diminuir a gravidade dos demais delitos, voltarei a atenção aos casos alarmantes de Estupro. Foram registrados em 2018 mais de 4.500 casos. Dentre os quais, 38.7% foram registradas como violência doméstica e familiar, ou seja, cometidas por pai ou mãe (7.4%), algum parente (11.2%), padrasto (9.7%), ex-companheiros (4.2%), companheiros (5.4%) ou por colegas de trabalho (0.8%). E do total de registros, pelo menos 69.7% foram cometidos contra crianças e adolescentes, com idade entre 0 a 17 anos. É de suma importância lembrar que todos esses dados coletados, foram apenas os casos que foram denunciados pelas vítimas.

O ESTUPRO E A CULPABILIZAÇÃO DA VÍTIMA

Estudos existentes nos indicam que, no Brasil, o abuso sexual praticado por adultos contra crianças e adolescentes é um fenômeno social³ grave. A grande maioria as pesquisas sobre estupro apontam como principal alvo do abuso sexual crianças do sexo feminino e o abusador tendo algum grau de parentesco com essas crianças.

O estupro é compreendido como uma violência de gênero, e a culpabilização da vítima, situação muito comum em casos de abuso sexual, faz com que a dominação masculina se perpetue na sociedade e confirma o status de portador do poder de decisão do homem, sobre todas as mulheres da família.

No ano de 2016, o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) fez uma pesquisa, com parceria do Datafolha, onde foram entrevistadas 3.625 pessoas de 217 cidades brasileiras diferentes.

Segundo o levantamento, 42% dos homens dizem que a violência sexual acontece porque a mulher não se dá ao respeito ou usa roupas provocativas. A culpabilização da vítima também acontece entre as mulheres, que são as que mais sofrem com o crime, e ainda assim, 32% concordam com a afirmação.

Para ilustrar da melhor forma o que é a culpabilização da vítima, temos uma campanha feita pelo Ministério da Justiça [imagem 11], que aconteceu no ano de 2015, que tinha como objetivo combater o consumo de álcool por crianças e adolescentes.



COMO É SER MULHER

Embora estejamos em pleno século XXI, teoricamente, gozando de liberdade, direitos iguais aos dos homens, lei de proteção para mulheres. É efetivo que ainda hoje vivemos sob uma violência velada – violência simbólica, por exemplo-, perpetuada culturalmente, que mantém e naturaliza as violências explícitas – ameaça, assédio sexual, estupro, por exemplo-, comuns até hoje, contra as mulheres. Vale ressaltar que a experiência é vivida pelas pessoas de formas diferentes entre e por isso, separei algumas histórias vividas por diferentes mulheres, que demonstra na visão de cada uma como é ser mulher na sociedade que vivemos atualmente.

HISTÓRIA DE CLARA AVERBUCK

"Bom, virei estatística de novo. Queria chamar de "tentativa de estupro" mas foi estupro mesmo. Tava bêbada? Tava! F***-se. Não vou incorrer no mesmo erro de quando eu era adolescente e me culpar. Fui violada de novo, violada porque sou mulher, violada porque estava vulnerável e mesmo que não estivesse poderia ter acontecido também. O nojento do motorista do Uber aproveitou meu estado, minha saia, minha calcinha pequena e enfiou um dedo imundo em mim, ainda pagando de que estava ajudando "a bêbada". Estou machucada, mas estou em casa e medicada pra me acalmar. Estou decidindo se quero me submeter à violência que é ir numa delegacia da mulher ser questionada, já que a violência sexual é o único crime que a vítima é que tem que provar. Não

quero impunidade de criminoso sexual mas também não quero me submeter à violência de estado. Justamente por ter levado tantas mulheres na delegacia é que eu sei o que me espera. Estou ponderando. Estou com o olho roxo e a culpa de ter bebido e me colocado em posição vulnerável não me larga. A culpa não é minha. Eu sei! A dor, a raiva e a impotência também não me largam. Estou falando tudo isso para que todas as que me lêem saibam que pode acontecer com qualquer uma, a qualquer momento, e que o desamparo e o desespero são inevitáveis. O mundo é um lugar horrível pra ser mulher.”

(Denúncia pública, via Facebook, feita pela colunista e escritora Clara Averbuck, no dia 28 de agosto de 2017)

HISTÓRIA DE MARINA

“Em minha percepção enquanto uma das diversas protagonistas, ser mulher vai desde a preocupação de passar em determinados lugares, ter medo de relacionamento abusivo, considerando o que ele agrega no psicológico e as taxas de feminicídio principalmente em mulheres negras. É ter sua feminilidade questionada caso não seja vaidosa ou escrava dos padrões estéticos.

Falo com propriedade quando digo que a autoestima deve ser trabalhada em pessoas fora do padrão desde sempre, principalmente nas mulheres negras. Ao meu ver, é de suma importância promovermos empatia até pelas causas que não vivenciadas por nós, pois não só agrega em conhecimentos “culturais” como também é um meio de ajudar o próximo.

Ser mulher é uma constante cobrança social onde todos os dias lutamos por equidade. Porém, cada mulher tem a sua história de acordo com sua raça, orientação sexual, classe social e crença religiosa, além de, obviamente, vivências pessoais. Todas necessitam, minimamente, de compreensão e respeito para, enfim, chegarmos mais próximo da equidade.”

(Marina Gabriela Santos de Andrade, aluna de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Grande Rio, 2019)

A OBJETIFICAÇÃO DO CORPO FEMININO

Se tem um assunto que é facilmente identificado e simples de ser compreendido, é sobre a objetificação feminina. Ela está arraigada nessa cultura e é escancarada pela mídia, publicidade, novelas, em filmes e revistas, e no entretenimento no geral. Como descreve a arquiteta Terezinha Gonzaga (2004, p. 21):

“A televisão invade nossa intimidade com uma proposta sedutora e consegue vender, principalmente para as mulheres, o papel tradicional de dona de casa e de consumidora de objetos supérfluos.”

Segundo Belmiro et al (2015, p.2): “A objetificação, termo cunhado no início dos anos 70, consiste em analisar um indivíduo a nível de objeto, sem considerar seu emocional ou psicológico.”

Ou seja, quando falamos de objetificação do corpo feminino, referimo-nos à banalização da imagem

feminina, fazendo com que a aparência da mulher seja mais importante do que outros aspectos que a definem como indivíduo.

A partir disso, podemos falar sobre a objetificação sexual feminina.

Que consiste na forma de representar ou tratar uma pessoa como objeto sexual, um objeto que serve somente para dar prazer sexual ao outro.

Lessa (2005,p.73-74), ao analisar a publicidade feminina, utiliza em seu livro, o termo “bundalização da mídia”, que usa para classificar a crescente obsessão por bundas e seios de mulher, uma referência à ideia de banalização da bunda:

“A bundalização sinaliza aqui uma fragmentação dos corpos em partes, pedaços do corpo em destaque: são peitos, coxas, rostos transformados em “mercadoria em vias de aprimoramento”.

Embora, atualmente, as mulheres venham alcançando cada vez mais a independência financeira, e embora assuntos relacionados as diferenças de gênero venham sendo questionados, uma das características que permeiam da cultura patriarcal é a objetificação feminina. E é importante falar sobre os efeitos, advindos dessa “coisificação”, sobre a mulher.

Uma pesquisa publicada pelo *Sage Journals*⁴, no *Psychology of Women*⁵, mostra que parceiras que são objetificadas estão mais propensas a serem coagidas e pressionadas sexualmente. O estudo examinou a dinâmica de

119 homens e 162 mulheres, em relações heterossexuais, e questionou as participantes se elas se sentiam objetificadas por seus parceiros, e quanto e como se sentiam coagidos ou pressionados sexualmente.

Os resultados revelaram que homens que estão mais preocupados com a aparência da mulher, eram mais tendentes a serem coercitivos sexualmente com suas parceiras. Já as mulheres que alegaram que seus

parceiros examinavam seu corpo com frequência, também revelaram crer que “os homens esperam sexo e é o papel da mulher satisfazer seu parceiro sexual.” Isso sinaliza que a objetificação da mulher tem efeitos negativos e reais em relacionamentos, em termos de coerção e pressão sexual dentro deles.

Além disso, outro estudo publicado na *Psychological Science*⁶, uma revista da *Association for Psychological Science*⁷, no ano de 2012, divulgou resultados que confirmam que mulheres objetificadas começam a se auto-objetificar. E também concluiu que a auto-objetificação resulta em mulheres menos ativas na sociedade, apontando mais um efeito real e negativo da objetificação feminina.

“Dado o número de oportunidades para as mulheres experimentarem a auto-objetificação em suas vidas diárias, é preocupante que tais experiências pareçam frustrar o engajamento das mulheres no ativismo em seu próprio nome”¹, conclui a cientista psicológica Rachel Calogero, da Universidade de Kent, em Canterbury.

300ml

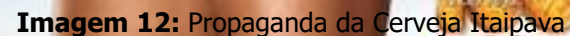
350ml

600ml

FAÇA
SUA
ESCOLHA.

ITAIPAVA
100
Verão é nosso

BEBA COM MODERAÇÃO



Fonte da imagem: douradosnews.com.br

Na imagem 12 uma mulher de biquíni segura uma garrafa de 300 ml em uma das mãos. Na outra, uma lata de 250 ml. Logo abaixo dos seios da modelo, a mesma inscrição diz “600ml”. O slogan provoca “Faça sua escolha”. Na outra imagem [à direita] aparece a mesma moça, ao longo do seu corpo existe uma lista de lugares, e novamente o slogan faz uma provocação “Escolha seu destino”.

“Não há sutileza, as mulheres estão ali para serem consumidas. Os anúncios revelam que a mulher é algo para servir ao homem e mostram como estamos longe de uma sociedade com igualdade de gêneros” doutora em sociologia e pesquisadora da Universidade de Brasília, Berenice Bento.

A MULHER E A CIDADE

A época em que começaram as construções das cidades e consolidação da vida urbana no país, corresponde a um momento da história onde as mulheres tinham pouca ou nenhuma representação e participação política no país. Foi apenas em 1932 que conquistaram o direito de votar e em 1934 e 1979, foram eleitas a primeira deputada e a primeira senadora, respectivamente. E somente em 2010 que tivemos a primeira presidenta brasileira. Sendo assim, as decisões políticas e urbanísticas decisivas para a composição da vida urbana foram idealizadas majoritariamente por homens.

Entre as décadas de 50 e 70, os movimentos em favor da

igualdade de gênero em aspectos sócio-políticos, trabalhistas e sexuais ganhavam espaço. No entanto, as

mulheres ainda estavam essencialmente vinculadas aos estereótipos de gênero que as condenava aos cuidados do lar, estando então fixadas nos espaços domésticos e privados das cidades. Já os homens, estavam legitimados como participantes da classe trabalhadora, participavam ativamente da cidade, mantendo um contato mais íntimo com os espaços públicos das cidades, passando, portanto, a dominá-los.

Entretanto, esse panorama mudou nos dias e hoje. As mulheres conquistaram seu espaço político, são cada vez mais reconhecidas no mercado de trabalho, e também vivenciam com mais assiduidade os espaços públicos nas cidades. Porém, esses espaços foram concebidos em uma época em que apenas os homens tinham espaço para participar nas decisões administrativas e na vivência dos espaços urbanos.

Ao olhar o espaço urbano a partir da perspectiva de gênero, pressupomos que as mulheres vivenciam a cidade de maneira diferente que os homens, e destacamos a inserção na trama das relações sociais de gênero como algo que é cultural e construído no processo histórico da humanidade (GONZAGA, 2011, p. 47).

AS RELAÇÕES DA MULHER COM O ESPAÇO URBANO

Do ponto de vista legal, a mulher é cidadã plena, porém sob a perspectiva da sua condição de inferioridade na sociedade,

pode-se dizer que ela ainda é um cidadão de “segunda categoria”. O direito de ir e vir é dado, mas a vivência do urbano não é fácil e tampouco adequada.

A história moderna e as relações de poder expõem quem vivencia de forma plena a cidade, no geral, homens brancos de classe média ou classe média/alta. A mulher foi separada da cidade, distante da vivência urbana e conforme fora dito, desconsiderada em diversos momentos da formação do espaço urbano.

Além disso,

“Devemos reconhecer e visibilizar que o espaço não é neutro, que os homens e as mulheres experimentam a cidade, o bairro e a casa de maneira diferente. As cidades são planejadas a partir de uma suposta igualdade. O problema subjacente é que a cidadania, e, portanto, o direito a cidade e as prioridades em sua definição, foram construídos tomando como referência o modelo cidadão genérico masculino, isto é, o mundo público, a participação no mercado e os espaços atribuídos aos homens.⁸ (CASANOVAS, FONSECA, HURTA, ESCALANTE, 2012, p.374)

Analisando diferentes períodos históricos, e a recorrente supressão do direito à cidade para a mulher, é importante dizer que “o recorte de classe, ou posição social com base em posses, será uma maneira importante de destacar as reais

disparidades entre homens e mulheres ao longo da história. Por exemplo, as mulheres pobres na antiguidade clássica complementavam o sustento da família, sem excluir as jornadas no ambiente doméstico” (MELO, 2017, p. 30).

Já analisando o cenário parisiense no século XIX, as mulheres de classes pobres encontravam-se na rua, no mercado, nas lavanderias. Segundo Perrot (1998), em *Mulheres Públicas*, a mulher imigrante, a mulher do povo, é a mais “pública” de todas. A elas cabia o dever de complementar o sustento da família, sem excluir as jornadas no ambiente doméstico. Diferente dessas mulheres, são as grandes cortesãs, e as mulheres da alta que tinham o dever da beleza e obediência

à moda existente e aos costumes da época.

Até as duas primeiras décadas do século XX, era inimaginável a mulher fora do seu ambiente natural: a casa, além de receber e guardar os títulos de filha, esposa, e mãe como as únicas identificações valorizadas da mulher na sociedade. Entretanto, o estourar da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e posteriormente com a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), trouxe ao mundo inteiro uma significativa reorganização social. (SILVA, 2018, p. 19)

Conforme os homens, maridos e pais de família foram se tornando soldados nas trincheiras europeias, as mulheres foram deixando seu ambiente tido, até então como “natural” (o lar, a família) para as fábricas, para que a produção não parasse. Neste momento, era uma questão de necessidade, e não de vontade. O Brasil não participou ativamente da guerra, mas apesar disso,

as mulheres já ocupavam os postos de trabalho em meios fabris, graças ao processo de industrialização que ocorria no país, no início do século XX.

Tardin et al (2015, p. 132) ressalta que o período pós-Segunda Guerra foi marcado por campanhas governamentais realizadas para que as mulheres voltassem para seu “lugar natural”: o lar. Muitas mulheres retornaram para seus lares, mas a semente da independência financeira havia sido plantada e colheria seus frutos, a partir da segunda metade do século XX. Enfatizando as décadas de 60 e 70, de relevantes

transformações para as mulheres.

É evidente que a luta pela igualdade feminina permanece sendo um grande desafio a ser superado mesmo no século XXI.

A modernidade e o processo de globalização não significam melhores condições de vida para grande parte da população, ao contrário, trazem novos desafios às minorias sociais. No caso brasileiro, em que o patriarcalismo ainda subsiste no imaginário popular, percebe-se a permanência da desigualdade entre homens e mulheres (SILVA, 2018, p. 20).

Portanto, ainda que exista, hoje em dia, um reconhecimento formal da igualdade de gênero, membros de grupos oprimidos por razões de etnia, religião, gênero ou orientação sexual enfrentam diariamente diferentes formas de exclusão que impossibilitam a participação plena na vida pública.

NOTAS:

1- Normas sociais que sustentam não se baseavam em instintos arraigados nem em relações pessoais e sim na crença e mitos partilhados. As ordens imaginadas que sustentavam essas redes nunca foram neutras nem justas. Elas dividiram as pessoas em pretensos grupos, dispostos em uma hierarquia. Os níveis superiores desfrutavam de privilégio e poder, enquanto os inferiores sofriam discriminação e opressão.

2- Referência: Artigo “Repensando el proyecto urbano desde la perspectiva de género. Mapas de la Ciudad Prohibida para las Mujeres” (Trad. Livre: Repensando o projeto urbano a partir da perspectiva de gênero) de Hiriá Kolektiboa, retirado do Livro “Estudios urbanos, género y feminismo” (Trad. Livre: Estudos urbanos, gênero e feminismo).

3-O fenômeno social é compreendido, na perspectiva de Silva & Pinto (2001), ou seja, são os fatos decorrentes dos diferentes tipos de relacionamento que os homens desenvolvem entre si, entre o mundo que os circunda e entre os artefatos que produzem.

4- Trad. Livre: Jornal Sage;

5- Trad. Livre: Psicologia da Mulher;

6- Trad. Livre: Ciência Psicológica;

7- Trad. Livre: Associação para Ciência Psicológica.

8- Idioma Original: Debemos reconocer y visibilizar que el espacio no es neutro, que los hombres y las mujeres experimentamos la ciudad, el barrio y la vivienda de manera diferente. Las ciudades se planifican a partir de una supuesta igualdad. El problema de fondo es que la ciudadanía, y por lo tanto el derecho a la ciudad y las prioridades en la definición de ésta, se ha construido tomando como referencia el modelo ciudadano genérico-masculino, es decir, el mundo público, la participación en el mercado y los espacios asignados a los hombres;

ESTUDO DE REFERÊNCIAS

ESTUDO DE REFERÊNCIAS

Com o intuito de contribuir e direcionar o projeto a ser desenvolvido, foram realizados estudos de referência em edificações existentes, tanto nacionais como internacionais, com uso semelhante ao projeto proposto. Eles possibilitaram uma melhor percepção da arquitetura de museus, centros culturais, de ajuda e de memória, ajudando na identificação das diferentes tipologias existentes e da funcionalidade permitida por esses espaços.

Os estudos compreendem: **Museu Judaico de Berlim, Centro de Oportunidade para Mulheres – Ruanda, Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia – Lisboa.**

REFERÊNCIA CONCEITUAL

Museu Judaico – Berlim



Dados Técnicos:

Arquiteto: Daniel Libenskind

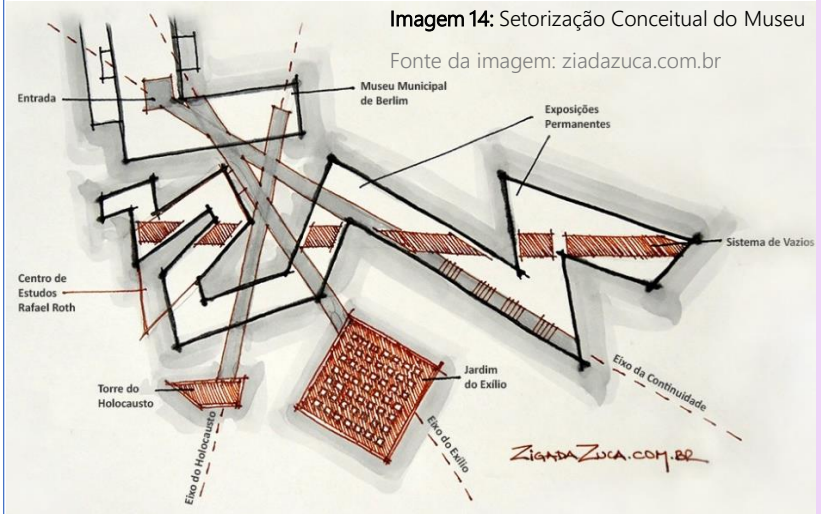
Localização: Lindenstraße 9, 10969 Berlim, Alemanha

Área construída: 15.500m²

Ano do Projeto do Novo Edifício: 1999

A escolha desse projeto se deu por ser rodeado de ambientes que buscam estimular os sentidos dos seus visitantes. Trazendo as memórias, as dores, e o terror sofrido pelos Judeus no período do holocausto.

Basicamente o projeto é dividido em 3 eixos: continuidade, holocausto e exílio.



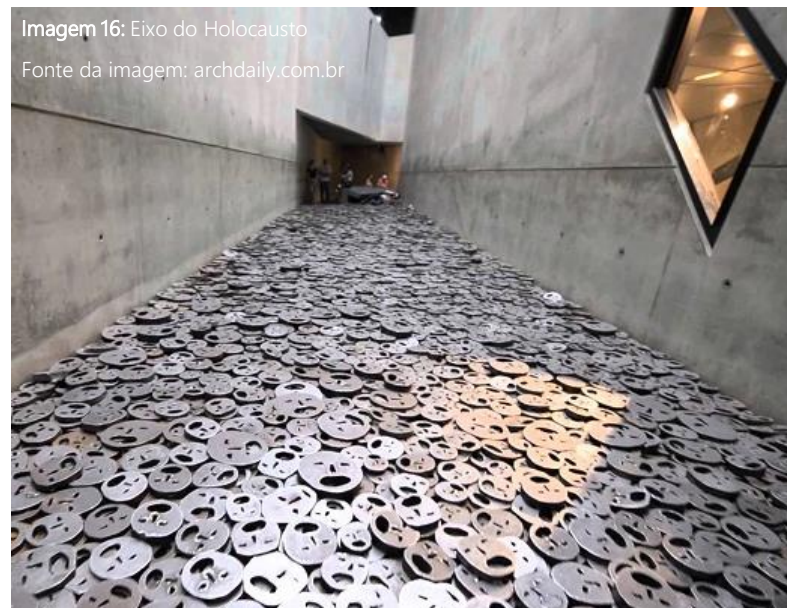
O primeiro eixo, da continuidade, apresenta-se como uma extensão do acesso ao novo edifício conduzindo às salas de exposições. Com uma escadaria alta e peças de concreto que se cruzam até o andar superior, é onde fica a exposição

permanente, contando a história dos judeus. Este eixo sugere que a história é contínua.

O segundo eixo, do holocausto, conta com um passeio sem saída no qual o solo inclina-se até o teto culminando na "Torre do Holocausto". Um espaço vazio de concreto de 24 metros de altura cuja única iluminação é a luz natural que entra por uma pequena fresta no teto. Há também vitrines com objetos da época e fotos de pessoas que emigraram ou que foram para o campo de concentração [imagem 16]

Imagem 16: Eixo do Holocausto

Fonte da imagem: archdaily.com.br



Finalmente, há o "eixo do exílio", que oferece um ponto de escape até o exterior, conectando o museu ao "Jardim do Exílio", um grande quadrado composto por 49 pilares de seção quadrada dispostos em uma quadrícula. Os pilares são compostos de concreto e ocos, e coroados com vegetação, símbolo de esperança. [imagem 17]

Imagem 15: Eixo da Continuidade

Fonte da imagem: archdaily.com.br

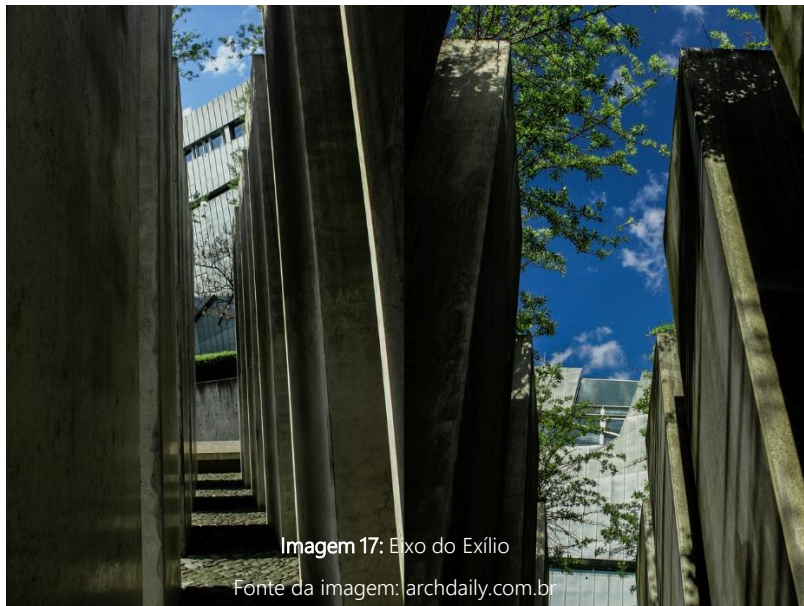


Imagem 17: Exo do Exílio

Fonte da imagem: archdaily.com.br

REFERÊNCIA FUNCIONAL

Centro de Oportunidade para Mulheres – Ruanda

A escolha desse projeto se deu pela sua proposta de educar e levar novas oportunidades de formação para mulheres ruandesas, que vivenciaram os massacres na região durante disputas étnicas locais. O foco do projeto é torná-las economicamente independentes, ajudando a impactar os avanços regionais rumo à igualdade de gênero e à inclusão social.

No Centro as mulheres podem alcançar a capacitação profissional, bem como aprender novas funções, e utilizam os serviços oferecidos para arrumar emprego ou iniciar um empreendimento.

Dados Técnicos:

Arquiteto: Sharon Davis Design

Localização: Kayonza, Ruanda

Área construída: 2200,00m²

Ano do Projeto do Novo Edifício: 2013



Imagem 18: Centro de Oportunidade para Mulheres

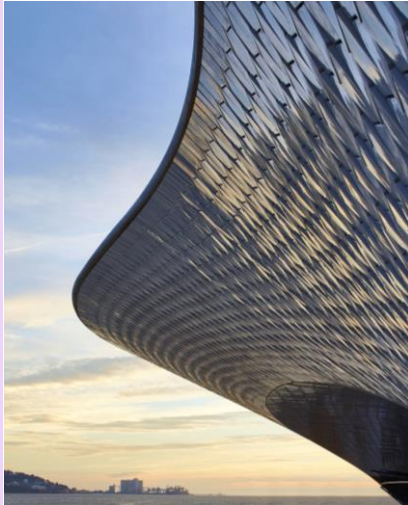
Fonte da imagem: archdaily.com.br

O terreno do novo Centro de Oportunidade para Mulheres, localizado em uma encruzilhada acima de um vale fértil, é uma arena ideal para a arquitetura que se abre um novo mundo de oportunidades.

Esta pequena aldeia transforma a aglomeração urbana e a agricultura de subsistência com uma agenda de arquitetura para criar oportunidades econômicas, reconstruir infraestrutura social, e restaurar o patrimônio Africano. (Sharon Davis Design).

REFERÊNCIA ESTÉTICA

Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia – Lisboa



O projeto serpenteia organicamente ao longo do terreno, como uma criatura com escamas de cerâmica, aludindo à tradição portuguesa e, simultaneamente, rompendo com os paradigmas formais habituais da escola portuguesa.

Imagem 19: Fachada do MAAT

Fonte da imagem: archdaily.com.br

As tecnologias aplicadas em sua construção permitem versatilidade e composições inovadoras das áreas de exposição. O projeto se adapta ao ambiente de modo delicado e sutil, reconectando o rio com a cidade.

A escolha deste projeto se deu por ser um edifício poderoso e sensível que explora a convergência de Arte Contemporânea, Arquitetura e Tecnologia. Compondo a estrutura na Paisagem, o museu é projetado para permitir que os visitantes caminhem sobre ele.

Dados Técnicos:

Arquiteto: AL_A

Localização: Av. Brasília, 1300-598 Lisboa, Portugal

Área : 38.000,00m²

Ano do Projeto do Novo Edifício: 2016



Imagem 20: Fachada Principal do MAAT

Fonte da imagem: archdaily.com.br



Imagem 21: Vista do MAAT voltado para o Rio Tejo em Belém

Fonte da imagem: lisbonlux.com

SÍTIO

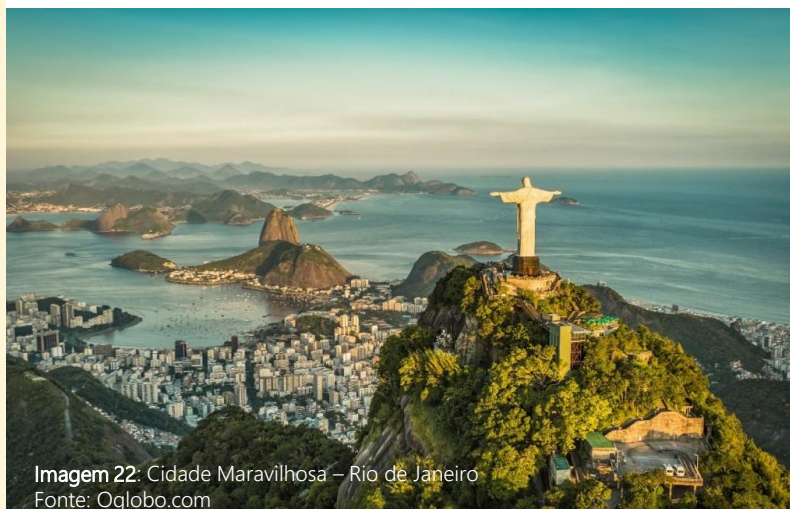
APRESENTAÇÃO DA REGIÃO

O Rio de Janeiro é um município brasileiro, capital do estado homônimo e está situado no Sudeste do país. É a segunda maior metrópole do Brasil, depois de São Paulo. A cidade possui aproximadamente 16,72 milhões de habitantes, e está entre os maiores destinos turísticos internacional no Brasil, da América Latina e de todo o Hemisfério Sul.¹

A cidade ocupa a margem ocidental da baía de Guanabara e as ilhas do Governador e Paqueta, e desenvolveu-se sobre estreitas planícies aluviais comprimidas entre montanhas e morros.²

O clima do Rio de Janeiro é o tropical atlântico, com variações locais, devido às diferenças de altitude, à vegetação e à proximidade com o oceano.³

Ao longo de mais de 450 anos de História, o Rio passou por imensas transformações sociais e culturais. Parte dessa trajetória



é contada pela evolução da arquitetura, de suas construções centenárias a projetos de renovação urbana recém-lançados.

Essa diversidade levou o Rio a se tornar a primeira cidade a receber da Unesco o título de capital mundial da arquitetura, em 18 de janeiro deste ano, na França.⁴

ANÁLISE DO TERRENO ESCOLHIDO

O terreno escolhido está localizado na Rua dos Arcos no Centro da cidade do Rio de Janeiro, próximo aos arcos da Lapa e a Catedral Metropolitana de São Sebastião do Rio de Janeiro. Sua área é de aproximadamente 6180,00 metros quadrados.

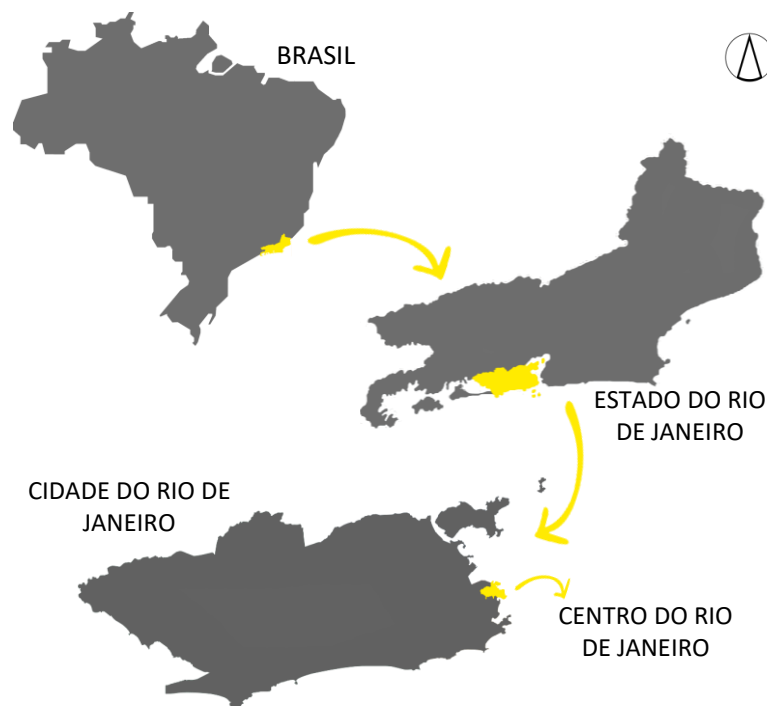


Imagem 23: Mapa de Localização da Cidade do Rio de Janeiro
Autoria: Tatiana Marques

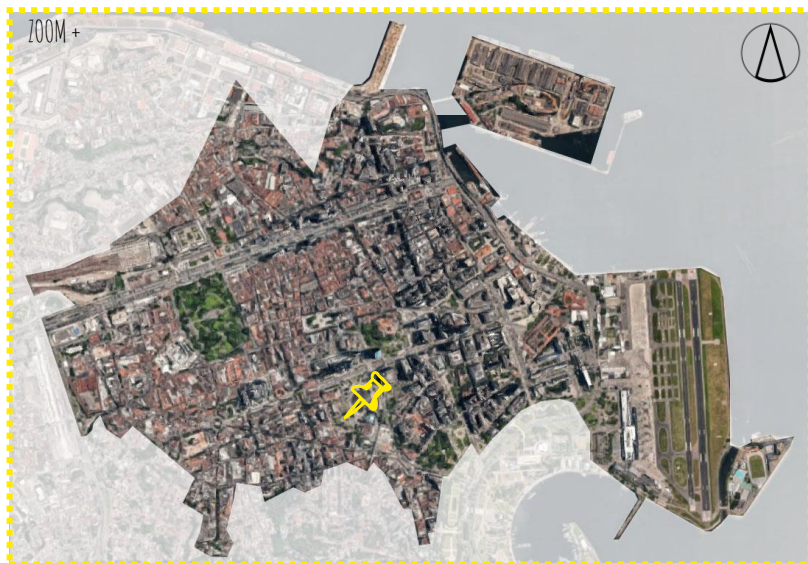


Imagem 24: Mapa do Centro do Rio de Janeiro

Fonte: Google Maps

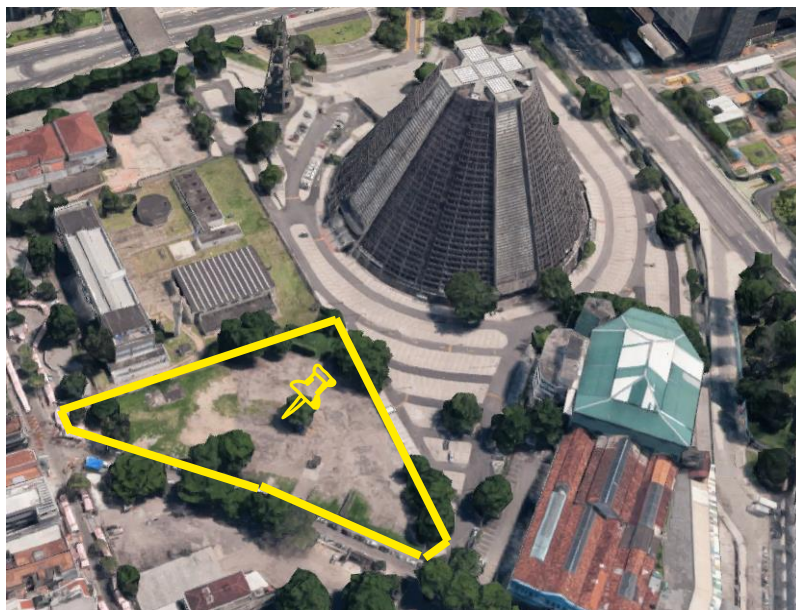


Imagem 25: Vista aérea do escolhido do Rio de Janeiro

Fonte: Google Maps

O terreno foi escolhido a partir de uma análise sucinta dos pontos positivos e dos pontos negativos do terreno, expostos na tabela a seguir:

Pontos Positivos	Pontos Negativos
Não precisa de demolição;	Rua dos Arcos tem pouco movimento, e é muito estreita – sensação de insegurança grande
Localizado na zona histórica do RJ;	
Mobilidade facilitada	
Localizado numa Área central;	

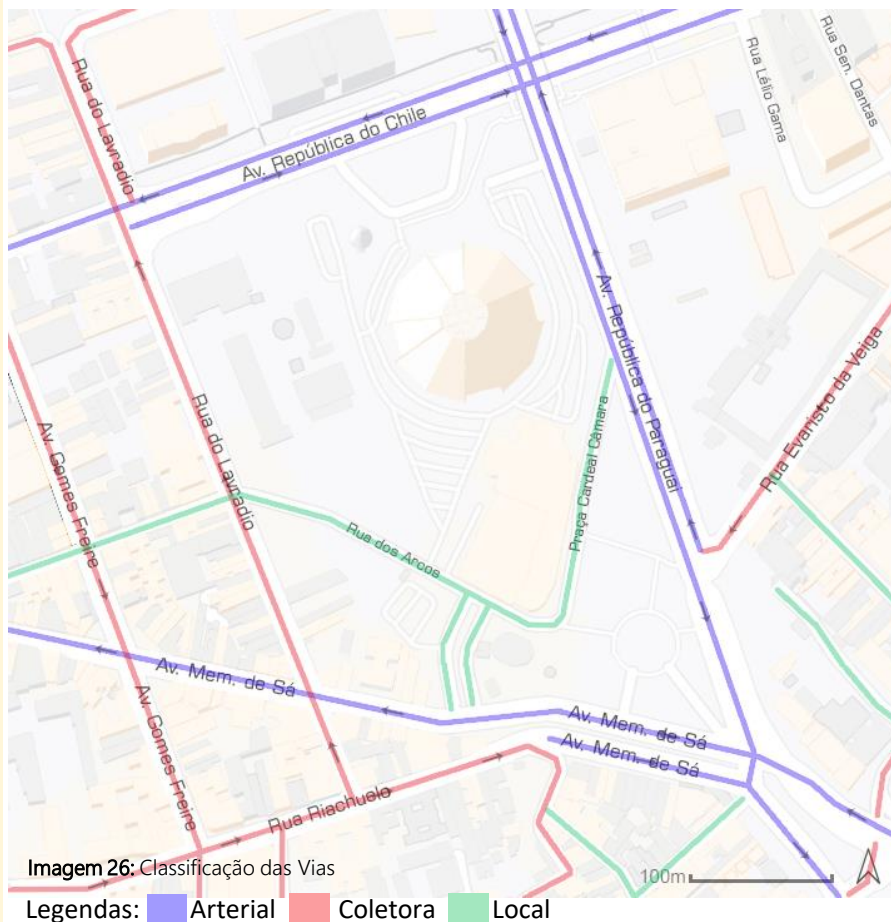
Atualmente, não existem construções no terreno, fazendo com que ele esteja sendo utilizado apenas como um estacionamento conjugado ao estacionamento da Catedral Metropolitana de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Sua localização é considerada privilegiada e foi escolhida de forma estratégica pois está localizado na zona histórica do Rio de Janeiro, bem como está próxima de alguns locais culturais, como: Centro Cultural da Caixa Econômica, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Sociedade Brasileira de Belas Artes, Museu da Imagem e do Som, Museu do Amanhã, Theatro Municipal do Rio de Janeiro, etc.

Encontra-se a apenas dez minutos da estação de metrô da Carioca e Cinelândia, e a 1,8km da estação de metrô e trem, rodoviária municipal e intermunicipal da Central do Brasil e também dos pontos das barcas e do porto do Rio, e está a apenas 5 minutos de diferentes pontos de ônibus, permitindo assim um acesso mais facilitado ao terreno. A escolha pela cidade de seu por ser fácil de perceber a violência simbólica contra a mulher, como já foi dito aqui. Normalmente ouvimos

as histórias e contribuições para a construção do Rio de Janeiro de personalidades masculinas, enquanto as mulheres tem seu papel histórico invisibilizado. Por tanto o edifício está localizado em um terreno no Centro da cidade do Rio como prova da participação feminina na construção dessa cidade, e para preservar e difundir a história das mulheres.

CLASSIFICAÇÃO DAS VIAS



Na área analisada existem 3 tipos de vias: as vias arteriais, que suportam os grandes deslocamentos, as coletoras que fazem a ligação entre as áreas de tráfego local e as vias de tráfego de passagem e as locais que destinam-se a acomodar o acesso às edificações, tendo seu fluxo de passagem mais restritivo.

USO E OCUPAÇÃO REAL DO SOLO

Apesar de possuir edifícios residenciais, o bairro é predominantemente comercial e turístico. Abriga a maior concentração de edifícios financeiros e de escritórios da cidade. Possui desde prédios históricos até modernos arranha-céus.

Parte do local analisado pertence a Lapa, um bairro boêmio e vibrante, conhecido por sua vida noturna, desde seus bares tradicionais, casas noturnas com música ao vivo, salões de dança, à suas rodas de samba ao ar livre abaixo dos Arcos da Lapa, um aqueduto em estilo romano.

Portanto, por ser uma área muito diversificada, tem um uso diferenciado de dia, e nas noites de fim de semana e vésperas de feriado, o que modifica também seu trânsito, normalmente caótico no Centro do Rio, bairro também analisado nos mapas a seguir.

USO E OCUPAÇÃO DO SOLO / CONDIÇÕES DE TRÂNSITO (Em horário Comercial)

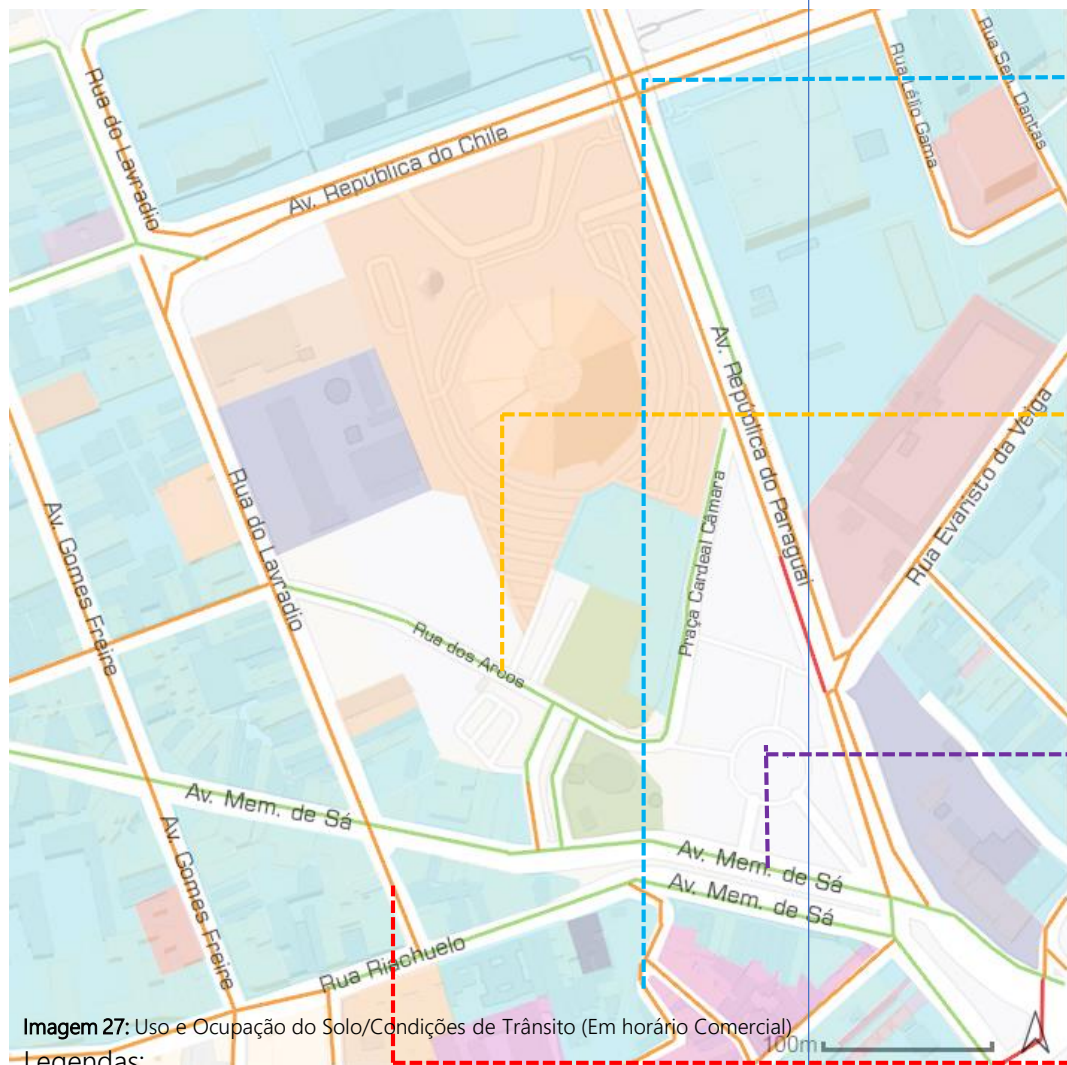
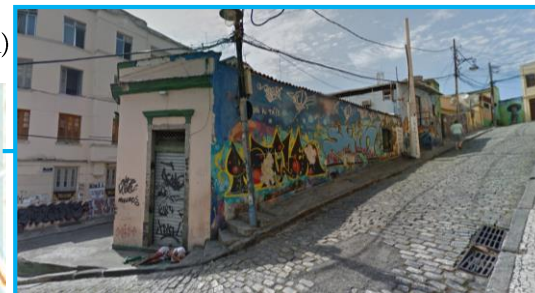


Imagem 27: Uso e Ocupação do Solo/Condições de Trânsito (Em horário Comercial)

Legendas:

- | | | |
|-----------------------|---------------|-----------|
| ■ Institucional | ■ Instituição | ■ Rápido |
| ■ Uso Misto | ■ Educação | ■ Intenso |
| ■ Cultural | ■ Residencial | ■ Lento |
| ■ Serviços e Comércio | ■ Lazer | |

Mapa desenvolvido por Tatiana Marques



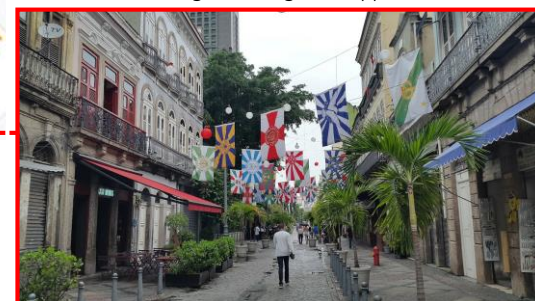
Ladeira de Santa Teresa
Fonte: Google Earth



Rua dos Arcos
Fonte: Google Earth



Av. Mem. De Sá
Fotografia: Sergio Chiappori



Rua do Lavradio
Fotografia: Roberto Almeida

USO E OCUPAÇÃO DO SOLO / CONDIÇÕES DE TRÂNSITO (Final de Semana)



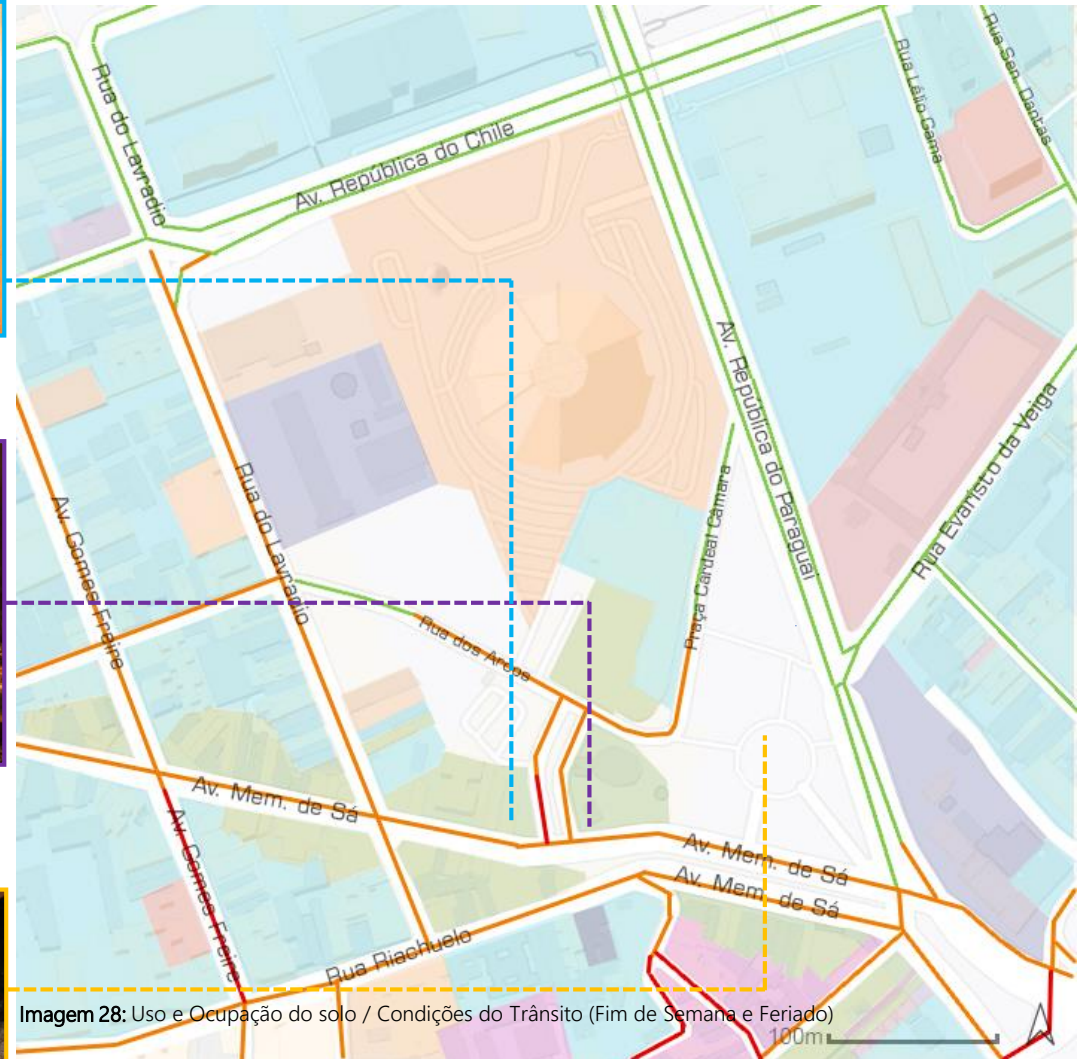
Av. Mem de Sá
Fonte: <https://sosyalforum.org/>



Av. Mem de Sá
Fonte: <http://onlywonderland.blogspot.com/>



Pç. Cardeal Câmara
Fonte: <http://prefeitura.rio/>



Legendas:

Institucional
Uso Misto
Cultural
Serviços e Comércio

Instituição
Educação
Residencial
Lazer

Rápido
Intenso
Lento

Mapa desenvolvido por Tatiana Marques

GABARITO E EQUIPAMENTOS

O gabarito predominante é de 1 a 4 pavimento, sendo que boa parte dessa edificação é antiga, e tradicional do antigo Rio de Janeiro. Porém a área tem grande quantidade de edificações altas, sendo na sua grande maioria edifícios comerciais.

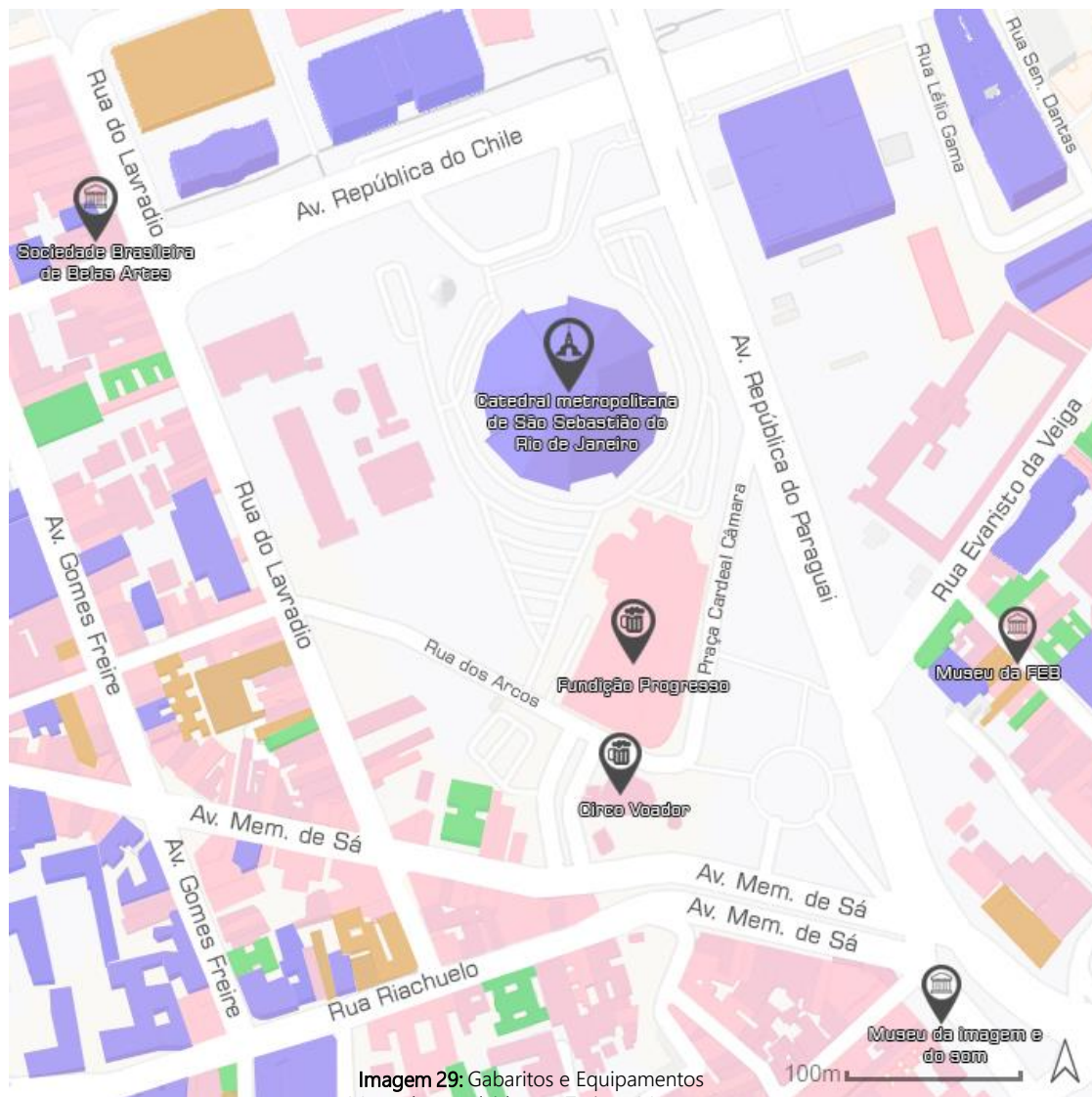


Imagem 29: Gabaritos e Equipamentos
Mapa desenvolvido por Tatiana Marques

Notas:

1 - Júlio César Carmo Bueno. «Pólos de Desenvolvimento do Estado do Rio de Janeiro». Instituto Nacional de Altos Estudos (INAE).

«Rio de Janeiro é o principal destino turístico do Hemisfério Sul, segundo pesquisa». O Globo. 28 de janeiro de 2010.

2 - Grande Enciclopédia Larousse Cultural. 21 2 ed. São Paulo: Nova Cultural Ltda. 1998. 6.112 páginas

3 - «História do Rio, Clima». Portal da Prefeitura do Rio de Janeiro. Consultado em 10 de outubro de 2012.

4. Cidade do Rio é eleita pela Unesco como primeira Capital Mundial da Arquitetura – O Globo

Legenda:

- De 1 a 4 Pavimentos
- De 5 a 8 pavimento
- De 8 a 11 pavimentos
- 12 ou mais

O PROJETO

PROGRAMA DE NECESSIDADES

O programa foi elaborado para atender não só as necessidades do Centro, mas também para facilitar as atividades comuns seja pelos funcionários, ou pelos visitantes. Ele foi dividido em 3 partes: Museu, Centro Profissionalizante e Área Externa.

MUSEU

1	Bilheteria (3 Atendentes)
2	Guarda Volumes
3	Foyer
4	Banheiro Feminino + PCD
5	Banheiro masculino + PCD
6	Exposição Permanente
7	Exposição Temporária
8	Área de Convívio
9	Cafeteria
10	Sala Multiuso
11	Espaço de Convivência
12	Memorial
13	Banheiro Feminino + PCD
14	Banheiro masculino + PCD
15	Cafeteria
16	Lojinha
17	Livraria
18	Área Administrativa

19 Departamento Financeiro

20 Laboratório de Pesquisa

21 Sala de Reuniões

22 Sala de Funcionários

23 Central de Segurança

24 Cozinha

25 Curadoria

26 Documentação

27 Sala de edição

28 Área de Convivência

29 Depósito

30 Laboratório de Conservação e Restauro

CENTRO PROFISSIONALIZANTE

31 Recepção

32 Sala de Espera

33 Banheiro Feminino + PCD

34 Sala Multiuso

35 Sala de Informática

36 Sala de Aula

37 Biblioteca

38 Auditório

39 Lanchonete + Área de Convivência

40 Banheiro Feminino + PCD

41 Banheiro masculino + PCD

42 Berçário + Lactário

42	Tesouraria
43	Administração
44	Diretoria
45	Sala de Reuniões
46	Área de Funcionários

RESTAURANTE

31	Área Comensal
32	Cozinha
33	Banheiro Masculino + PCD
34	Banheiro Feminino + PCD

CONCEITO

Duas palavras foram pensadas como norteadoras para o desenvolvimento este projeto: Sinestesia e Fluidez.

Sinestesia

Antes de mais nada, é preciso explicar o conceito de sinestesia. Se trata de uma condição do cérebro de produzir duas sensações da natureza diferentes a partir de um mesmo objeto. Sendo assim, através de elementos concretos, transmitir sensações, tanto positivas quanto negativas.

O interesse em construir um edifício que causasse sensações nos seus visitantes, se dá a partir de uma vontade de expressar toda a dor que o machismo é capaz de causar na vida de uma mulher, a partir do ponto de vista feminino. Seja quando ela está na rua, sob olhares, assobios, buzinas, e comentários constrangedores, ou quando está dentro do “conforto” de seu lar, que muitas vezes é um ambiente de agressão física,

psicológica, moral e em muitos casos, violência sexual.

Quero transmitir o quanto o machismo é violento, e mostrar dentro do museu as sensações negativas que nós mulheres sentimos todos os dias, seja na rua, ou em casa. E através disso, tentar gerar uma reflexão de todas as pessoas nos mantém reféns do patriarcado, e assim poder as poucos transmitir empatia e também sororidade.

Fluidez

A busca pela fluidez não foi árdua, foi consequência positiva da busca por elementos sinestésicos. A organização do sistema de circulação dentro do espaço do museu, prenuncia um ambiente amplo e desobstruído visual e espacialmente, onde o percurso faz com que o usuário tenha a compreensão do todo.

Além disso, outros aspectos para alcançar uma edifício fluido, se da por meio de um ambiente contínuo, permeável.

CONCEPÇÃO VOLUMÉTRICA

A concepção volumétrica para este projeto se deu do resultado da Espiral áurea, a partir da união de retângulos áureos

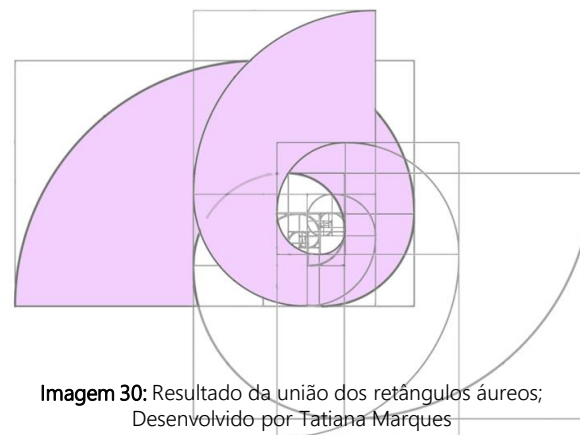


Imagem 30: Resultado da união dos retângulos áureos;
Desenvolvido por Tatiana Marques

A razão ou proporção áurea é encontrada na natureza, nas artes e na arquitetura. Pinhas, conchas e o próprio corpo humano apresentam proporções áureas. Ela representa a mais agradável proporção entre dois segmentos ou duas medidas, é uma procura constante da harmonia e da beleza.

E não é só na Terra que existem a proporção áurea. Nas galáxias, as estrelas se distribuem em torno de um astro principal numa espiral obedecendo à mesma proporção.

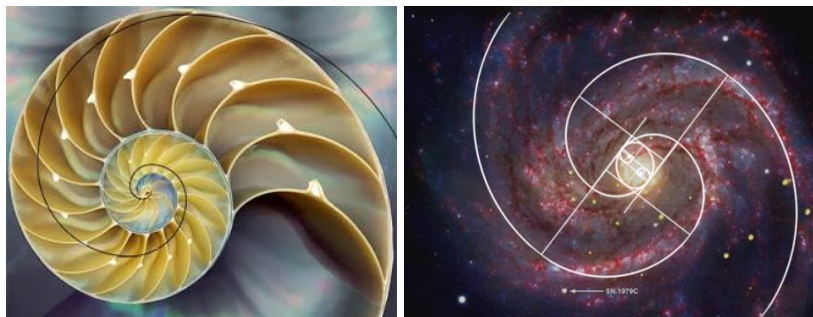


Imagem 31: A presença da proporção áurea na natureza
Fonte das imagens: Angelinawittmann.com

ESTUDOS PRELIMINARES

Com a volumetria e o programa de necessidades delineados, foi feito um estudo de massas, e a partir disso, a definição de cada área a ser construída. Foi levado em consideração todos os aspectos estudados do terreno escolhido, bem como a insolação e clima predominante do local, de modo que busque solucionar da melhor forma todos os problemas encontrados durante a construção deste projeto.

O subsolo e o pavimento térreo, foram selecionados para comportar o Museu da memória Feminina.

No subsolo, a intenção foi de colocar a parte de exposições que ficariam responsáveis por causar uma sensação negativa nos visitantes, mostrando como o patriarcado faz uma mulher se sentir fora ou até mesmo dentro de seu lares: medo, desconforto, indignação, tristeza, etc.

Em contraste, o térreo ficou responsável por exposições que contassem a história da contribuição da mulher para a construção da Cidade do Rio de Janeiro, visibilizando assim, suas histórias e conquistas, por anos, ignoradas. O arco que compõe o edifício, abraça uma praça interna, ainda no pavimento térreo, que seria a praça do acolhimento ou afago, que como o próprio nome diz, seria um local que transmitisse paz, acolhimento e a tranquilidade que gostaríamos que fosse nossa realidade no dia-a-dia..

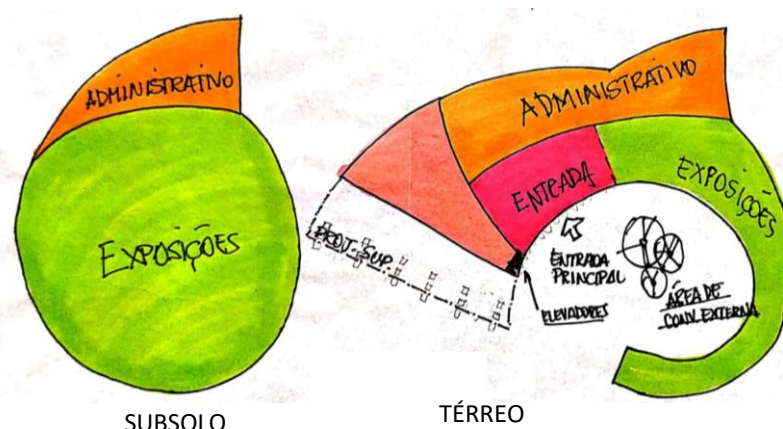


Imagem 32: Setorização do Subsolo e do Primeiro Pavimento
Desenvolvido por Tatiana Marques

Já o primeiro pavimento recebeu o Centro Profissionalizante, e também um mirante, que terá uma vista muito bonita para o Centro do rio, Santa Teresa e Lapa. e posteriormente foi criado um mezanino para dar lugar a um restaurante de acesso ao público, não só feminino.

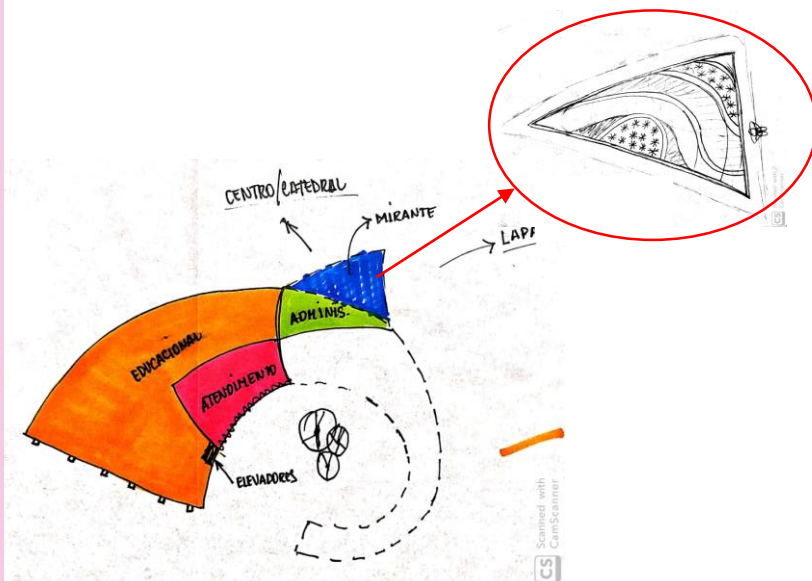
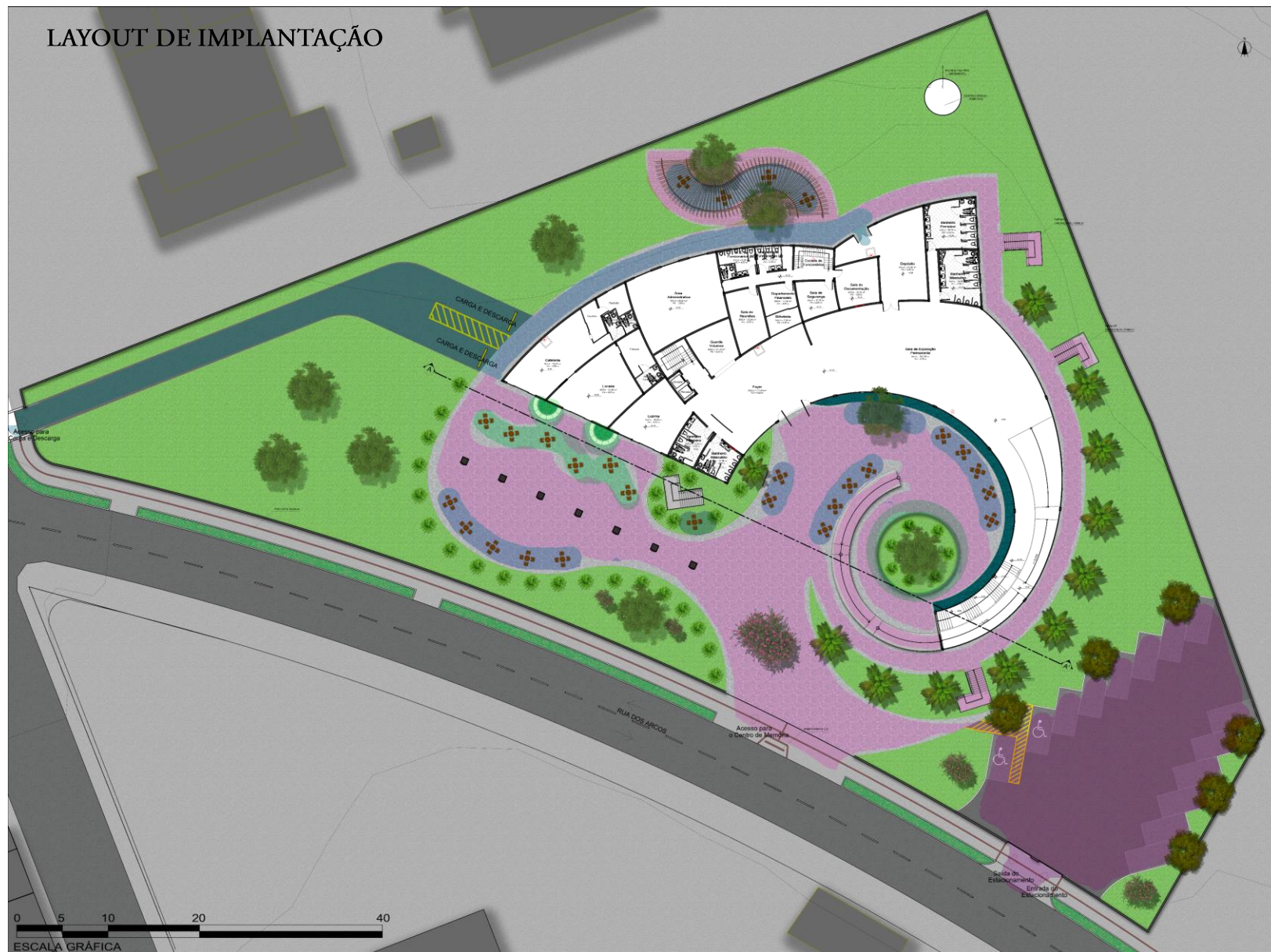


Imagem 33: Setorização do Segundo Pavimento e mirante
Desenvolvido por Tatiana Marques

LAYOUT DE IMPLANTAÇÃO



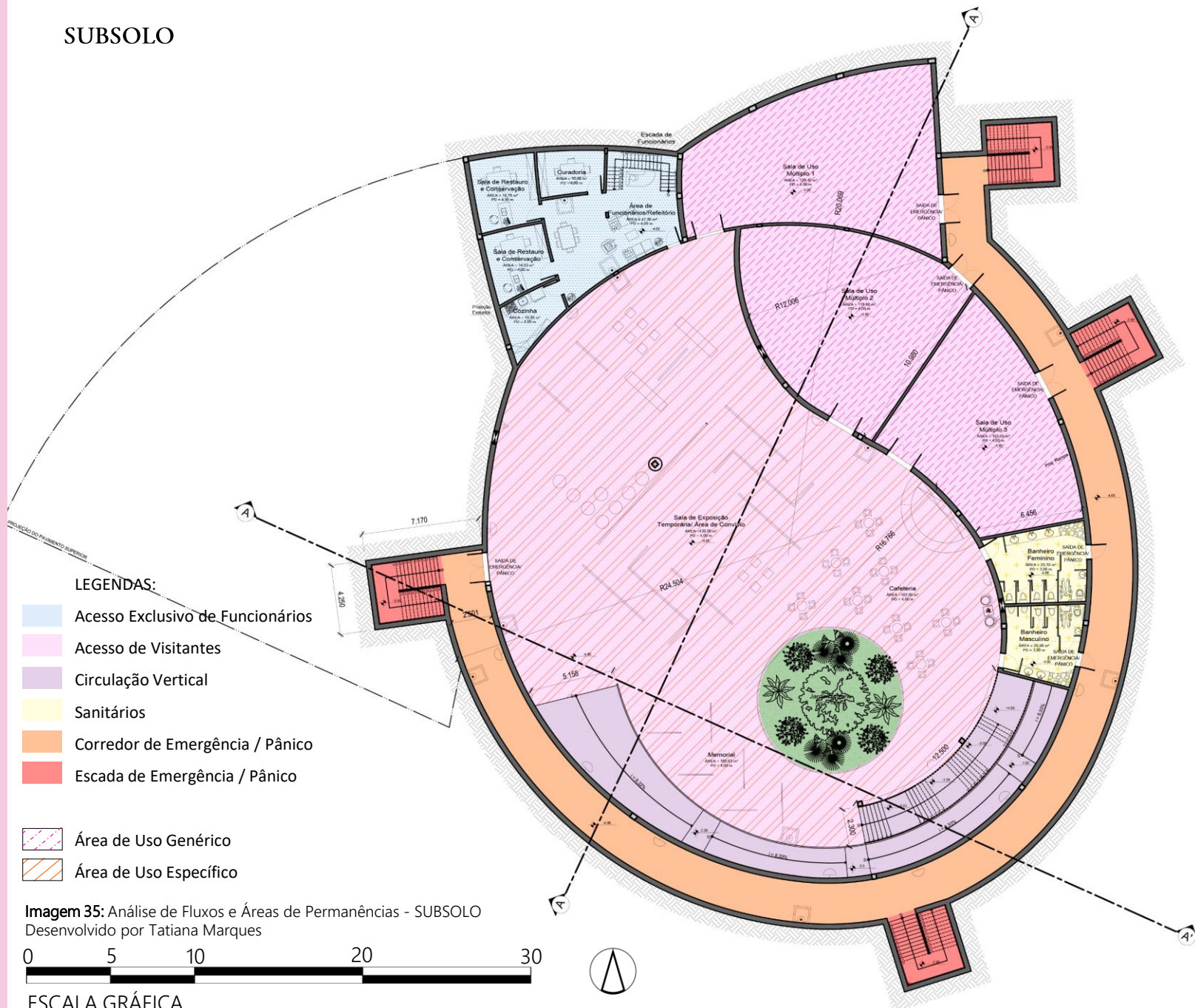
LEGENDA:

- Circulação de Visitantes
- Circulação de Veículos
- Circulação de Carga e Descarga

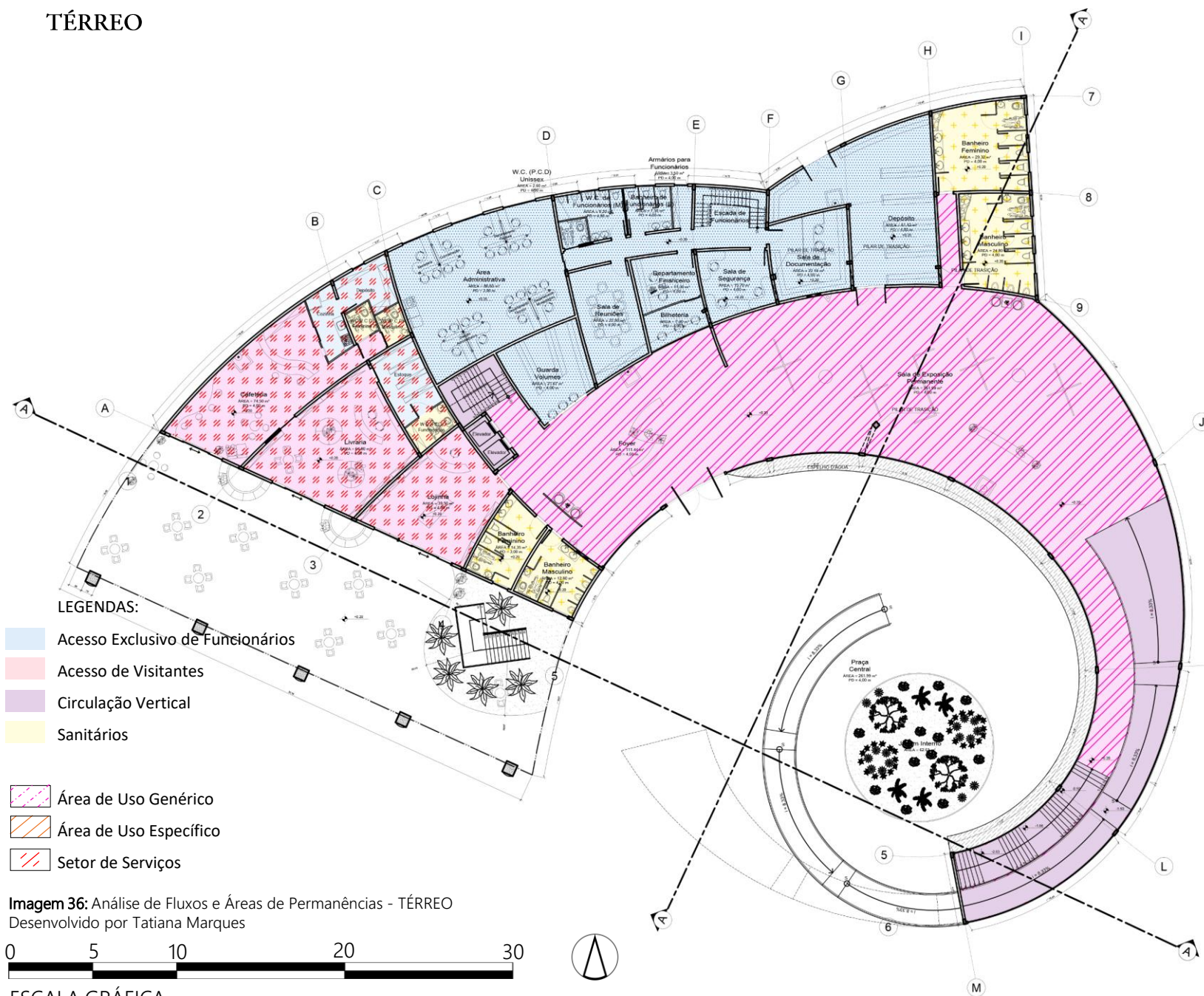
- Área de Curta Permanência de Visitantes
- Área de Longa Permanência de Visitantes

Imagem 34: Análise de Fluxos e Áreas de Permanências
Desenvolvido por Tatiana Marques

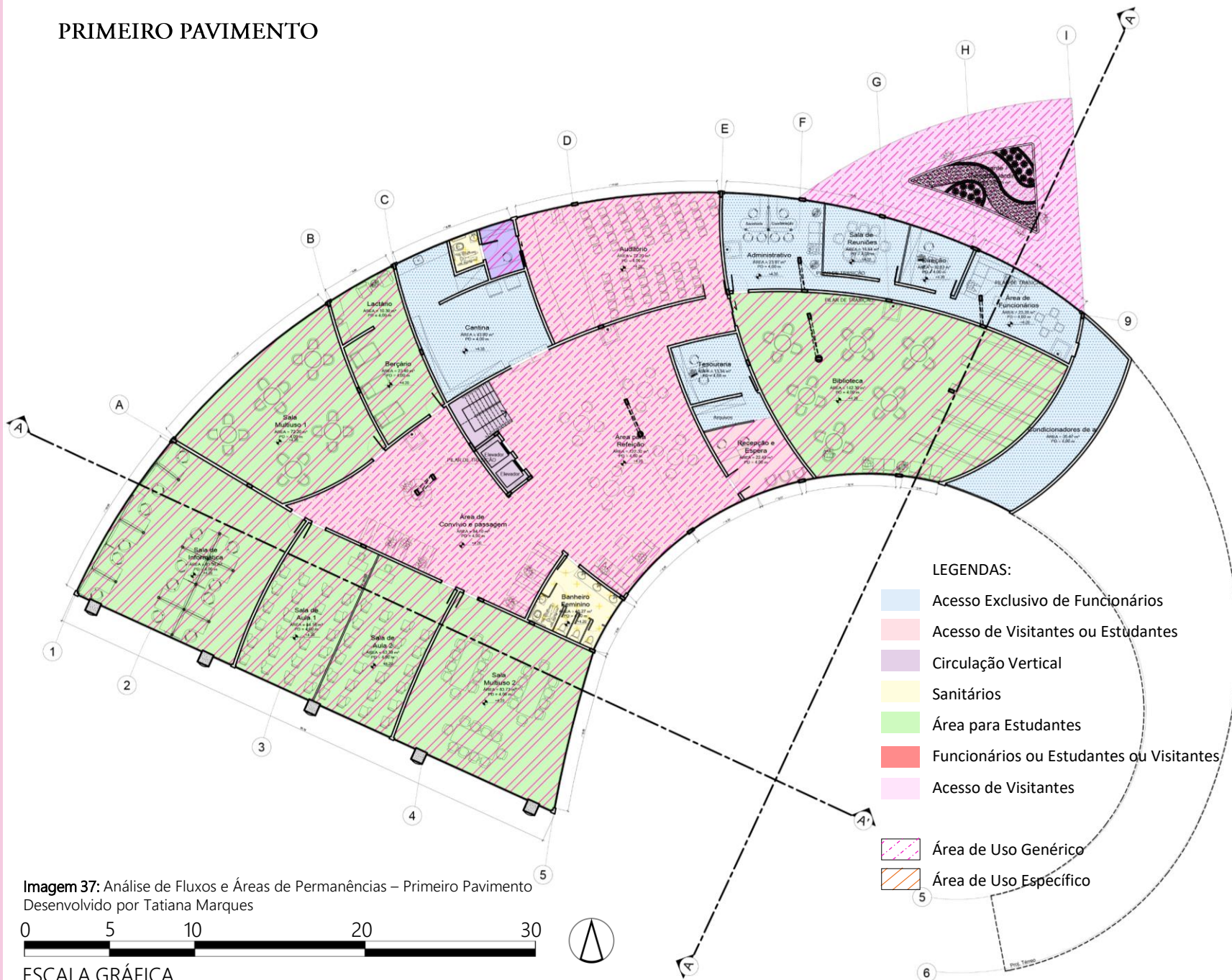
SUBSOLO



TÉRREO



PRIMEIRO PAVIMENTO



SEGUNDO PAVIMENTO – MEZANINO

LEGENDAS:

-  Acesso Exclusivo de Funcionários
 Acesso de Visitantes
 Circulação Vertical
 Sanitários
 Vão
 Área de Uso Específico

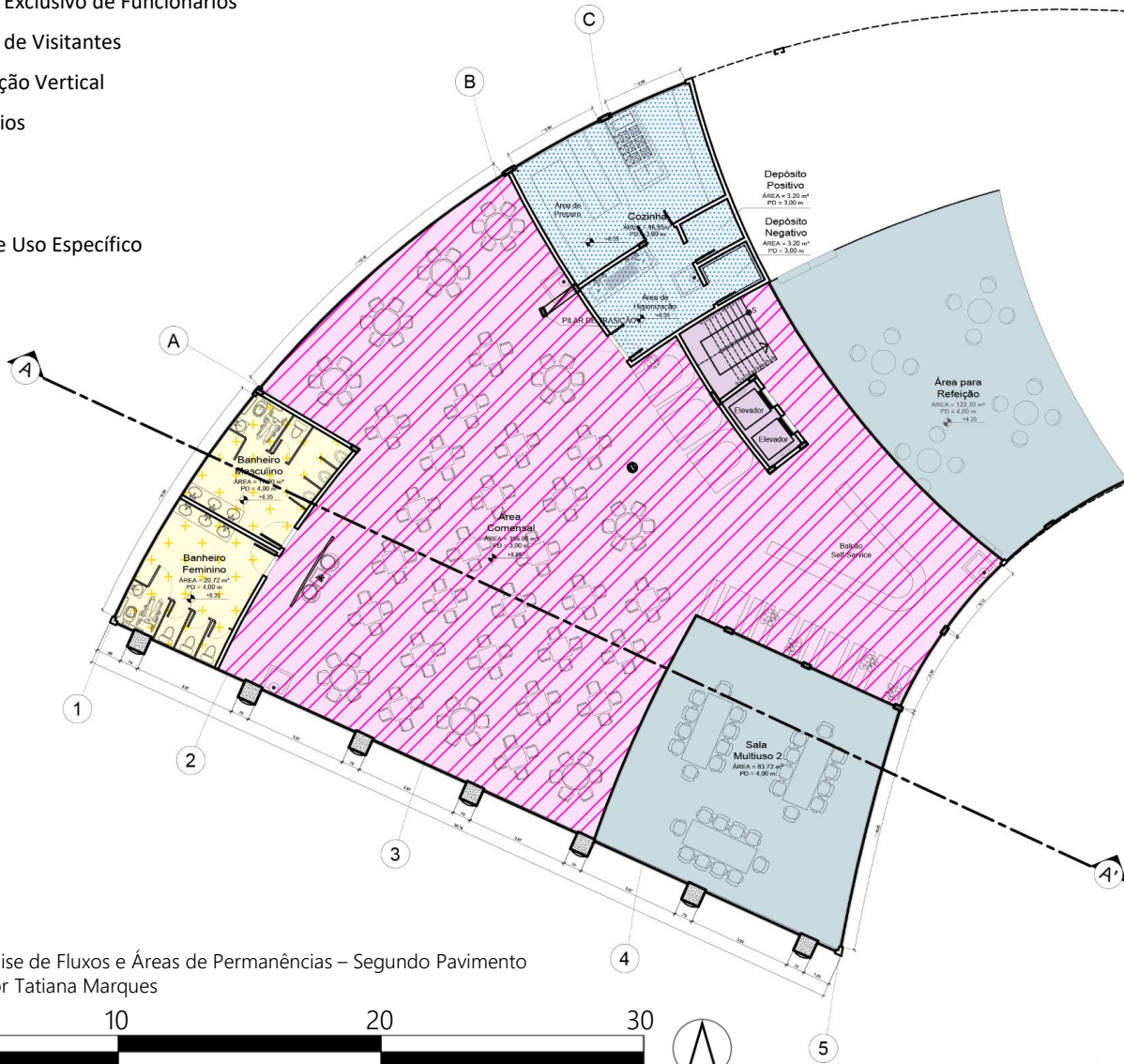


Imagem 38: Análise de Fluxos e Áreas de Permanências – Segundo Pavimento
Desenvolvido por Tatiana Marques



ESCALA GRÁFICA

RESULTADO DO PROJETO



Imagem 39: Fachada Principal
Desenvolvido por Tatiana Marques

RESULTADO DO PROJETO



Imagem 40: Praça Central com Jardim Mezanino
Desenvolvido por Tatiana Marques

RESULTADO DO PROJETO



Imagem 41: Praça Central com Jardim Mezanino
Desenvolvido por Tatiana Marques

RESULTADO DO PROJETO



Imagem 42: Área de Convivência com Pergolado
Desenvolvido por Tatiana Marques

RESULTADO DO PROJETO



Imagem 43: Área de Convivência com Pergolado
Desenvolvido por Tatiana Marques

RESULTADO DO PROJETO



Imagem 44: Fachada sob o mirante e Área de Convivência com Pergolado
Desenvolvido por Tatiana Marques

RESULTADO DO PROJETO



Imagem 45: Área de Convivência Coberta
Desenvolvido por Tatiana Marques

RESULTADO DO PROJETO



Imagem 46: Local para Uso livre e Área de Convivência Coberta
Desenvolvido por Tatiana Marques

BIBLIOGRAFIA

- AZEVEDO, Maria Amélia e GUERRA, Viviane N. de A. *Pele de asno não é só história... Um estudo sobre a vitimização sexual de crianças e adolescentes em família*. São Paulo: Roca, 1988.
- BELMIRO, Dalila Maria Musa *et al.* **Empoderamento ou Objetificação: Um estudo da imagem feminina construída pelas campanhas publicitárias das marcas de cerveja Devassa e Itaipava**. *INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO*, 2015, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1863-1.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2019.
- CALOGERO, Rachel M. Self-Objectification May Inhibit Women's Social Activism. **Psychological Science**, Kent, 2013. Disponível em: <https://www.psychologicalscience.org/news/releases/self-objectification-may-inhibit-womens-social-activism.html#.WJ3wmRlrKRs>. Acesso em: 22 mar. 2019.
- DIAS, Vera. **As histórias dos monumentos do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://ashistoriasdosmonumentosdoriorio.blogspot.com/2012/03/as-mulheres-homenageadas-na-cidade-do.html>. Acesso em: 7 maio 2019.
- DIAS, Vera. **Inventário dos Monumentos RJ**. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://inventariodosmonumentosrj.com.br/index.asp?iMENU=catalogo>. Acesso em: 7 maio 2019.
- DOSSIÊ Mulher - Instituto de Segurança Pública. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <http://www.isp.rj.gov.br/Conteudo.asp?ident=48>. Acesso em: 6 mar. 2019.
- FONSECA, Maria Fernanda Soares *et al.* O feminicídio como uma manifestação das relações de poder entre os gêneros. **JURIS - Revista da Faculdade de Direito**, Rio Grande, 2018. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/juris/article/view/7680/5330>. Acesso em: 14 maio 2019.
- HARARI, Yuval Noah. *Sapiens Uma Breve História da Humanidade*. *Harari, Yuval Noah. Sapiens Uma Breve História da Humanidade*. Porto Alegre: LEPM editores, 2015.
- HOYT, Tiffany.; RAMSEY, Laura R. The Object of Desire: How Being Objectified Creates Sexual Pressure for Women in Heterosexual Relationships. **Sage Journals**, Massachusetts, p. 151-170, 13 jun. 2019. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0361684314544679>. Acesso em: 22 mar. 2019.
- LARA, Eliziane. O que é ser menina no Brasil? – Desigualdade de gênero desde a infância. **Oficina de Imagens**, [S. /], 2015. Disponível em: <http://oficinadeimagens.org.br/o-que-e-ser-menina-no-brasil-desigualdade-de-genero-desde-a-infancia/>. Acesso em: 17 abr. 2019.
- MASSEY, Dooreen. Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações. **GEOgraphia**, Rio de Janeiro, ano 6, n. 12, 2004.

- LOURENÇO, Ana Carolina Silva *et al.* In: **A “objetificação” feminina na publicidade: uma discussão sob a ótica dos estereótipos.** INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO, 2014, Vila Velha. Niterói: [s. n.], 2014. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2014/resumos/R43-1169-2.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2019.
- MEIRELLES, Gabriela Gaia. A cidade não foi feita para as mulheres - Dos assédios aos nomes e estátuas de rua, os motivos pelos quais a cidade me apaga constantemente. **Hysteria**, [S. l.], 2018. Disponível em: <https://hysteria.etc.br/ler/a-cidade-nao-foi-feita-para-as-mulheres/>. Acesso em: 17 abr. 2019.
- MINISTERIO DE EDUCACIÓN, CULTURA Y DEPORTE. **La memoria femenina: mujeres en la historia, historia de mujeres.** Espanha: SECRETARÍA GENERAL TÉCNICA Subdirección General de Documentación y Publicaciones, 2016. ibermuseos.
- PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA CASA CIVIL SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS. **LEI nº 11.340, de 7 de agosto de 2006.** Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Brasília, 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em: 8 maio 2019.
- SAFFIOTI, H.I.B. No Fio da Navalha: Violência Contra Crianças e Adolescentes no Brasil Atual. In: MADEIRA, F.R. (Org.), **Quem Mandou Nascer Mulher?** São Paulo: Editora Rosa dos Tempos, 1997.
- SCHMICKLER, Catarina Maria. **O Protagonista do Abuso Sexual: Sua lógica e estratégias.** Chapecó: Argos, 2006.
- TELES, Maria Amélia de Almeida. MELO, Mônica de. **O que é violência contra a mulher.** São Paulo: Brasiliense, 2002.
- TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil.** Tatuapé: Editora brasiliense, 1999.